



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANIELLY ROZENDO LIMEIRA

“O CULTO CONTINUA”: a instrumentalização da política partidária pelas lideranças transpentecostais nas eleições presidenciais de 2018.

JOÃO PESSOA

2023

ANIELLY ROZENDO LIMEIRA

“O CULTO CONTINUA”: a instrumentalização da política partidária pelas lideranças transpentecostais nas eleições de 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões, sob orientação da Professora Dra. Fernanda Lemos.

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L733o Limeira, Anielly Rozendo.
"O culto continua": a instrumentalização da política partidária pelas lideranças transpentecostais nas eleições presidenciais de 2018 / Anielly Rozendo Limeira. - João Pessoa, 2023.
67 f. : il.

Orientação: Fernanda Lemos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Religião. 2. Política. 3. Transpentecostalismo.
4. Ciências das Religiões. I. Lemos, Fernanda. II. Título.

UFPB/CE

CDU 2(043.2)

ANIELLY ROZENDO LIMEIRA

“O CULTO CONTINUA”: a instrumentalização da política partidária pelas lideranças transpentecostais nas eleições presidenciais de 2018.

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: 

Profa. Dra. Fernanda Lemos

(Presidente)

Assinatura:

 **Profa. Dra.**

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Assinatura: 

Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza

João Pessoa, 23 de outubro de 2023.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal evidenciar e analisar a instrumentalização da fé institucional das lideranças transpentecostais¹ nas eleições presidenciais de 2018. Segundo o autor Emerson Roberto (2015), os fenômenos tidos como exclusivamente políticos podem ser identificados no campo religioso e vice-versa. Por esse motivo que, neste trabalho, o nosso primeiro intuito é traçar como essas relações se dão e as suas consequências para a sociedade. Em seguida, trouxemos um apanhado histórico do Transpentecostalismo, suas características e a sua entrada na política, influenciando-a e moldando-a. Por fim, investigamos em alguns dos principais meios de comunicação de algumas lideranças transpentecostais com o intuito de provar a nossa hipótese: a de que houve instrumentalização da fé a favor do Jair Bolsonaro e de como os evangélicos possuem tamanha influência a ponto de ser determinante na eleição. Para alcançar o objetivo da pesquisa, o trabalho possui base teórica nas principais discussões acerca da relação entre sociologia política e religião e do Transpentecostalismo. O método empregado nesta pesquisa é o qualitativo e se deu a partir de análise em alguns dos principais meios de comunicação das lideranças como o *Instagram*, *YouTube*, *Facebook*, *Twitter*, declarações em eventos públicos e *lives*. Nossa pesquisa se propôs a explicitar como a religião, principalmente o cristianismo evangélico, teve um papel decisivo para o resultado das eleições presidenciais de 2018.

Palavras-chave: Religião; Política; Transpentecostalismo; Ciências das Religiões.

1 O Transpentecostalismo é um conceito novo, criado pelo autor Gerson Leite (2010), e será debatido mais detalhadamente na introdução deste trabalho de pesquisa.

ABSTRACT

This research's main objective is to highlight and analyze the instrumentalization of the institutional faith of Trans-Pentecostal² leaders in the 2018 presidential elections. According to the author Emerson Roberto (2015), phenomena considered exclusively political can be identified in the religious field and vice versa. For this reason, in this work, our first intention is to outline how these relationships occur and their consequences for society. Next, we provide a historical overview of Transpentecostalism, its characteristics and its entry into politics, influencing and shaping it. Finally, we investigated some of the main media outlets of some Trans-Pentecostal leaders with the aim of proving our hypothesis: that there was an instrumentalization of faith in favor of Jair Bolsonaro and how evangelicals have such influence to the point of being decisive in this election. To achieve the research objective, the work has a theoretical basis in the main discussions about the relationship between political sociology and religion and Transpentecostalism. The method used in this research is qualitative and was based on analysis in some of the main media of communication by leaders such as Instagram, YouTube, Facebook, Twitter, statements at public events and lives. Our research aimed to explain how religion, especially evangelical Christianity, played a decisive role in the outcome of the 2018 presidential elections.

Keywords: Religion; Policy; Transpentecostalism; Sciences of Religions.

² Trans Pentecostalism is a new concept, created by the author Gerson Leite (2010), and will be discussed in more detail in the introduction of this research work.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA A PARTIR DE POSTULADOS SOCIOLOGICOS.....	15
2.1 Postulados sociológicos contemporâneos: contexto brasileiro.....	18
3. SURGIMENTO DO TRANSPENTECOSTALISMO E SUA INFLUÊNCIA NA POLÍTICA.....	24
3.1 A influência do Transpentecostalismo na política partidária brasileira.....	28
3.2 Frente Parlamentar e Bancada Evangélica.....	33
4. A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA FÉ NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018.....	38
4.1 O culto continua com a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

Dedico àqueles que já sofreram ou que ainda sofrem todo tipo de abuso e manipulação dentro de uma comunidade de fé. Eu sei que vocês estavam em busca de esperança. Saibam que a mesa pertence a vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres da minha família, mas principalmente à minha mãe Luciene, à minha irmã Ana Cláudia, à minha avó Gasparina, às minhas tias Lucineide e Fátima e à minha prima Lidiane. Elas foram as responsáveis por abrir os caminhos da minha existência, me dando recursos e amparo para chegar até aqui.

Agradeço aos livros, sim, aos livros que li e reli durante minha caminhada, pelo espanto, (re)descoberta e despertar da vida. Em especial aos autores Fiódor Dostoiévski por não ter me deixado sucumbir a qualquer infortúnio que me atingisse e a Guimarães Rosa por me lembrar sempre que a vida é um eterno rasgar-se e remendar-se.

Agradeço aos meus amigos - parafraseando C.S. Lewis -, eles são desnecessários, assim como a arte. Não possuem valor de sobrevivência; são antes, uma das coisas que dão valor à minha sobrevivência.

Agradeço à minha orientadora Fernanda Lemos por ter conduzido sabiamente os meus impulsos frenéticos e por ter me dado todas as ferramentas necessárias para a construção deste trabalho.

“O que era ideologia passou a ser crença. O que era política tornou-se religião, e o que era religião passou a ser estratégia de poder.”

Mia Couto

“Murar o medo”, conferência de 2011.

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Ciências das Religiões, meu interesse pelo Neopentecostalismo³ ficou mais latente devido à disciplina que tive a oportunidade de cursar chamada “Introdução aos Sistemas Simbólicos”. Nela, produzi um trabalho intitulado “O poder das palavras no Cristianismo Neopentecostal” em que analisei o poder de persuasão centralizada em uma única figura de liderança, as suas estruturas e relações verticalizadas em que grande parte dos fiéis não possuem espaços para exprimirem os seus posicionamentos e a sua própria “liberdade religiosa”, que é um tanto quanto ameaçada.

Também fui membra da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada pelo bispo Robson Rodovalho, durante alguns anos. Neste período, pude presenciar de perto as relações que acontecem e o que é pregado nela. A Teologia da Prosperidade e do Domínio, as relações verticalizadas entre lideranças e membros, as chaves interpretativas monossêmicas, o uso da magia - que é nítido em alguns ritos -, a monopolização da vida do fiel por parte dos pastores e lideranças etc., tudo isso foi o estopim para eu me debruçar mais atentamente sobre o tema.

Minha motivação ao estudar o Neopentecostalismo e sua relação com a política nesta pesquisa se dá também a partir das eleições presidenciais de 2018 e 2022, em que vimos uma grande manifestação de religiosos cristãos saindo em apoio ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Acompanhamos em diversos meios de comunicação como as igrejas e os líderes transpentecostais usaram a fé dos seus fiéis para obter o apoio ao candidato eleito em 2018. Sabemos que isso acarretou na sua vitória, tendo em vista que a ascensão do Jair Bolsonaro também se deu graças ao seu fiel eleitorado evangélico e é exatamente o que vamos analisar no presente trabalho.

Para o autor Luis Gustavo (2023), a relação da religião e política deveria ser um estudo recorrente nas Ciências Sociais, pois o crescimento da religiosidade nos últimos tempos têm ganhado contornos e novas roupagens que merecem o olhar mais atento dos estudiosos sobre o tema, principalmente porque esse crescimento corre ao encontro das políticas institucionais. É por isso que este trabalho pretende estudar o fenômeno em questão que interessa tanto às Ciências Sociais quanto às Ciências das Religiões.

3 O Neopentecostalismo é uma variação do movimento Pentecostal que surgiu nas décadas de 1970 e 1980 aqui no Brasil, tendo como sua principal propagadora a Igreja Universal do Reino de Deus.

A expressão “O culto continua”, que abre o título do trabalho, é cunhada a partir de um vídeo do pastor Silas Malafaia em que, após apresentar Bolsonaro à sua igreja, ele se dirige aos fiéis pedindo que se assentem porque o culto iria continuar⁴. Embora o pastor estivesse usando o púlpito como palanque para Bolsonaro naquele momento, o sagrado, ou melhor, o culto, precisava seguir normalmente e com a fluidez necessária. Aqui, tanto faz o que é sagrado. Nada importa se tudo não for antes “santificado”⁵.

Usamos o conceito “Transpentecostalismo”⁶ neste trabalho, visto que o termo “Neopentecostalismo” se tornou insuficiente para designar as igrejas que surgiram a partir da década de 70. Segundo o autor Gerson Leite (2010), o termo é incapaz de dar conta da religiosidade pentecostal brasileira, pois muitas igrejas ditas neopentecostais não são mais parecidas nas suas estruturas, nas suas liturgias, muito menos nos seus discursos e crenças. Para o autor, é preciso redefinir o termo que designa a terceira onda do movimento pentecostal. É por este fato que adotamos o termo “Transpentecostalismo” por acharmos mais apropriado aos nossos objetivos acadêmicos.

Isto posto, o presente trabalho pretende analisar a instrumentalização da fé institucional das lideranças transpentecostais nas eleições presidenciais de 2018 e suas implicações para a nossa sociedade e democracia. Mas antes, vamos nos deter no emaranhado relacionamento da religião e política, apresentar o surgimento do Transpentecostalismo e discutir a sua forte presença na política brasileira. Isso tudo se faz necessário para entendermos o fio condutor de como essas relações foram e estão sendo construídas ao longo

4 YOUTUBE. *Pastor Silas Malafaia - Bolsonaro ao vivo na igreja que sou pastor*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y2nZ1HDT450>>. Acesso em: 14 de agosto, 2023.

5 As últimas frases são referências de uma música chamada “Sagrado” do compositor e cantor Marcos Almeida. A intenção foi mostrar que, naquele momento, o pastor sacraliza o ato em trazer o Bolsonaro ao púlpito transformando-o em palanque político partidário. Se houve a sacralização antes, está tudo bem aos olhos de Deus.

6 O termo “Transpentecostalismo” foi cunhado pelo autor Gerson Leite de Moraes na sua tese de Doutorado, em 2008, logo após perceber que o termo “Neopentecostalismo” e a metáfora das três ondas marinhas para designar o movimento pentecostal no Brasil se tornaram insuficientes. Segundo Gerson, o neopentecostalismo era e ainda é um conceito usado e abusado, servindo para explicar quase tudo na religiosidade pentecostal brasileira. Segundo ele: “Usando como referência o fenômeno da transmídia, pode-se dizer que temos no universo religioso pentecostal brasileiro, o fenômeno do transpentecostalismo, termo que já usei em 2008 em minha tese de doutorado. O prefixo trans, em latim significa: ‘além, para além; de um lado a outro’ (Torrrinha, 1942: 884). É daí que vem a ideia de trânsito, de algo que está em movimento constante, algo que está além, que vai para além da estaticidade. Quando comparo o prefixo Neo, com o prefixo Trans, vejo neste uma oportunidade muito maior de exprimir a atual situação do subcampo pentecostal brasileiro” (Moraes, 2010: 17). É preciso levar em consideração que esse termo ainda precisa ser bastante discutido tanto pela comunidade civil quanto pela acadêmica, visto que ele pode causar contradição e estranheza. Contradição porque ele possui mais familiaridade com os evangélicos na política e não no campo teológico propriamente dito e estranheza porque a discussão sobre ele ainda está bastante difundida.

da nossa história e nos darão uma base para compreendermos o fenômeno da instrumentalização que aconteceu em 2018.

Esta pesquisa foi realizada da seguinte forma: nos dedicamos a fazer uma investigação, principalmente nos meios de comunicação como YouTube, reportagens veiculadas na Internet, páginas oficiais dos líderes evangélicos nas grandes redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram com o intuito de resgatar falas, discursos, postagens ou pronunciamentos que tiveram o objetivo de instrumentalizar a fé cristã em prol de seus interesses políticos. A pesquisa qualitativa e a análise do discurso são usadas também para o debate teórico que este trabalho se propõe a fazer para entendermos a relação do Transpentecostalismo e as eleições presidenciais de 2018.

Muitas fontes teóricas legitimam nosso trabalho e a discussão científica sobre o tema em questão, como por exemplo, Paul Freston, Ricardo Mariano, Magali Cunha, Saulo Baptista e muitos outros que pesquisam a influência da religião na sociedade e no nosso cenário político. A pesquisa tem como base os principais teóricos, postulados e perspectivas da Sociologia e do fenômeno religioso, pois sabemos que a relação entre essas duas instituições interessam ambas as áreas de pesquisa. A relação entre religião e sociedade não é nova, pois os pais da própria Sociologia, Karl Marx (1818), Émile Durkheim (1858) e Max Weber (1864), já se interessavam e se debruçaram no aspecto religioso na sociedade.

Segundo Saulo Baptista (2007), os pentecostais possuem uma ideia, dentro e fora do Brasil, de que é possível salvar uma nação, desde que se constitua um messias evangélico para governá-la, apoiado por parlamentares também evangélicos. Neste sentido, boa parte dos pentecostais buscou um “salvador da pátria” e se sentiram satisfeitos com essa figura carismática. Eles acreditaram que a solução para os problemas do Brasil poderia vir de um presidente que professasse a fé evangélica publicamente. Como bem diz Ricardo Mariano (2010):

Líderes pastorais, com raras exceções, procuram transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais, visando ampliar seu poder político, defender valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública [...]. Tratam, portanto, de instrumentalizar a política partidária, justificando o ativismo político como recurso para defender suas bandeiras religiosas e corporativas. Por consequência, a cada eleição, esses religiosos se veem mais e mais instrumentalizados eleitoralmente por partidos e candidatos de todas as colorações ideológicas (Mariano, 2010).⁷

⁷ IHU ONLINE. *O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres*. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3206-ricardo-mariano-1>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Segundo Magali Cunha (2022), a recorrente imagem do homem de gestos e costumes simples, que diz o que pensa sem medir consequências, que não tem medo de opositores, que não deve nada a ninguém e daquele que manda com “autoridade” foi imprescindível para que os evangélicos se sentissem conectados a ele. Segundo ela, esse discurso do Bolsonaro e as suas características citadas acima, era e ainda é perigoso,

Porque é um discurso religioso instrumentalizado para defesa de uma ideologia de extrema direita, que retira direitos e privilegia as parcelas privilegiadas da população. O discurso cristão está sendo utilizado particularmente para referendar e angariar adeptos a este princípio ideológico. A ideologia do bolsonarismo alcançou com força as igrejas evangélicas e católicas, porque tocou em primeiro lugar o aspecto histórico das igrejas que é o autoritarismo daquilo que deve ser realizado e defendido. Também alcançou um imaginário que ao longo dos anos, principalmente com a cultura gospel de guerra espiritual, de que é preciso combater os inimigos da fé que estavam fora das igrejas (Cunha, 2022).

Diante disso, temos também como objetivo analisar todo esse discurso que conseguiu atrair milhares de evangélicos a apostarem suas esperanças no Bolsonaro, que prometia a todos os cristãos a limpeza da maldade e da corrupção no Brasil, tendo como inimigo principal o esquerdismo e o PT.

Inicialmente, no primeiro capítulo, o intuito é mostrar que a relação da religião com a política não é um fenômeno recente, muito pelo contrário, essa relação está instituída desde o começo da nossa história e formação. Analisaremos, tendo como base os principais postulados sociológicos de autores clássicos e contemporâneos, como essas duas instituições sociais sempre se entrelaçaram e andaram juntas na história do nosso país, seja para que ambas as partes se beneficiem uma da outra, seja também influenciando o andamento uma da outra.

No segundo capítulo, faremos um apanhado histórico do surgimento do Transpentecostalismo, suas principais características e sua entrada na política. Como conseguiram ganhar tanta influência dentro dos altos poderes legislativos e executivos a ponto de serem decisivos nas eleições do nosso país? Tivemos foco, principalmente, na Igreja Universal do Reino de Deus, pois ela é considerada a instituição religiosa mais presente e influente na política brasileira.

No terceiro capítulo, finalmente, analisaremos de perto a instrumentalização da fé nas eleições presidenciais de 2018 feita por lideranças transpentecostais. O objetivo é trazer alguns materiais como discursos, falas, campanhas, o uso das redes sociais de lideranças

religiosas, baseados na fé cristã, que saíram em defesa do candidato em questão e discutir como todo esse jogo político teve eficácia, acarretando assim, na vitória do Jair Messias Bolsonaro.

Por fim, discutiremos como o campo evangélico tem ganhado forças surpreendentes a ponto de moldar a política brasileira através de seus homens e mulheres. Isso pode ser preocupante, pois na medida em que os evangélicos ganham força, isso pode significar que outros grupos podem estar perdendo seus espaços e, assim, a nossa democracia pode estar em risco. A saga evangélica para eleger o máximo de candidatos merece o nosso interesse, tendo em vista que essas relações políticas e religiosas, embora antigas, vão ganhando novas roupagens e implicações que podem comprometer o curso da nossa própria história. Em sequência, traremos a figura da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro como uma possível continuidade do bolsonarismo aqui no Brasil, afinal, o “culto” precisa continuar.

2. A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA A PARTIR DE POSTULADOS SOCIOLÓGICOS

Para o autor Luis Gustavo (2023), a relação da religião e política deveria ser um estudo recorrente nas Ciências Sociais. O crescimento da religiosidade nos últimos tempos têm ganhado contornos e novas roupagens que merecem o olhar mais atento dos estudiosos sobre o tema, principalmente porque esse crescimento corre ao encontro das políticas institucionais.

Segundo Rubem Alves (2019), ao investigar a religião como ideologia, os sociólogos o fazem de acordo com um quadro ideológico e de um contexto cultural. Diante disso, resgataremos os principais estudos sobre a relação da religião com a política e, para isso, daremos início com os clássicos da sociologia: Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Os pais da sociologia também se preocuparam com a questão aqui levantada, pois a religião ocupou e ainda ocupa um lugar central nas formulações teóricas dos fundadores da sociologia e de outros estudiosos: a de como a religião está intrinsecamente ligada com a sociedade, sendo ela parte fundante de qualquer grupo social.

Émile Durkheim levanta questões muito importantes sobre a sociologia da religião, pois ele acreditava que era papel da sociologia estudar o fenômeno religioso que, segundo ele, são “os elementos permanentes que constituem o que há de eterno na religião [...] que são o conteúdo objetivo da ideia que se fala de religião em geral” (Durkheim, 2003, p. X).

Ele se refere ao sentimento de reverência e autoridade, que caracteriza a relação do indivíduo com a sociedade, comparando com a reverência e autoridade que são características principais da religião. Para ele, a religião possuía a seguinte definição: “Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a que ela aderem” (Durkheim, 2003, p. 32).

É no seu livro “As formas elementares da vida religiosa” (1912), que encontramos uma abordagem interessante e amadurecida do fenômeno religioso, que é visto tanto em sua singularidade quanto na relação com a sociedade como um todo. Pois para ele, não poderia existir uma única sociedade sequer sem religião.

Já para Max Weber, a religião é indispensável nos estudos do desenvolvimento econômico do capitalismo. Ele analisa esse desenvolvimento da sociedade capitalista

ocidental sob influência da religião protestante e na sua obra, “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1904), enxerga a influência da religião na vida dos indivíduos, na estrutura social de sua época e a predominância protestante entre os proprietários do capital e de burgueses.

A religião, assim, controla a vida privada e pública dos indivíduos que passam por um processo de alienação. Segundo ele: “A dominação do calvinismo seria para nós a forma simplesmente mais insuportável que poderia haver de controle eclesiástico do indivíduo” (WEBER, 2004a, p. 31). Isso porque o protestantismo vem com uma concepção de trabalho diferente.

Segundo essa perspectiva, o trabalho feito com zelo e seriedade agrada a Deus, pois ele foi constituído e ordenado nas Escrituras Sagradas. O homem que valorizasse seu trabalho e trabalhasse dignamente, receberia recompensas e seria abençoado pelo divino. Lucro aqui significava bênçãos e avanços no zelo pelas coisas materiais.

Por fim, em Karl Marx, a religião também surge como um problema central, tendo em vista que a religião não é um tópico à parte, pelo contrário, ela está organicamente ligada a um sistema específico da relação de produção. A religião, para ele, também é alienante na medida em que tira do indivíduo a sua consciência de classe e condiciona sua existência a uma força que está fora de si, ou seja, o transcendente. Segundo Rubem Alves,

Encontramos no marxismo a paixão profética que denuncia uma sociedade baseada no lucro, na opressão e na alienação, combinada com a visão escatológica de uma nova ordem não mais construída sobre os antagonismos de classe mas sobre a comunidade dos meios de produção. Marx secularizou a religião e ao fazer isto transformou a política no seu substituto. “Somente Marx entendeu que uma religião que não abraçou a transcendência deveria ser propriamente chamada de política”, comenta Camus. Sem paixão não existe política. E a paixão já nos introduz na esfera da religião (Alves, 2019, p. 66).

Para além dos mais clássicos, temos também Peter Berger (1929-2017), sociólogo e teólogo luterano que se preocupava com o aspecto da religião. Para ele, as religiões fazem parte do processo de construção da nossa realidade social e servem como sistemas de símbolos fundamentais para os seres humanos. No seu livro “O Dossel Sagrado” (1967), a religião não seria uma distopia, uma ilusão que procura manter o ser humano distante da realidade, mas sim um aparato em que sua crença é a realidade propriamente dita.

Para Berger, as instituições sociais se amparam nas religiões como uma forma de legitimação. Fazem com que o ser humano se esqueça de que o mundo é e continua sendo produzido por ele mesmo para dar lugar à validade suprema das instituições. Porém, por outro lado, a religião também serve como desalienadora, em que cumpre a função de desmascarar, desencantar e relativizar o poder humano.

Pierre Bourdieu (1930-2002) também foi um importante nome para a discussão aqui proposta, pois a religião também estava no cerne de seus estudos sociais. Ele elaborou uma teoria em que compara a religião a um campo que está em constante disputa, esses campos são relações objetivas entre indivíduos ou instituições que se compõem pela dominação, gerando relações de forças entre esses agentes que lutam pela hegemonia no interior desses espaços.

Segundo ele (1996), cada campo vive em intenso conflito entre os que dominam e os que são dominados, com uma dominação não evidente, não explícita, sutil, violenta e simbólica. Concluindo, ele enxergava a religião, pensada estritamente em termos institucionais, como instrumento de coerção.

Mesmo com toda essa preocupação que os autores citados tiveram com o fenômeno religioso, aqui no Brasil, o estudo da religião vai ser escanteado pela sociologia no começo de sua fundação sob influência da secularização⁸. E por quê? Rubem Alves afirma que

O problema se torna mais curioso quando se verifica que a maioria absoluta dos estudos de sociologia da religião que se desenvolveram até 1959 torna fenômenos considerados exóticos como objeto de investigação. A Igreja Católica, como realidade institucional de enorme peso político e ideológico, é deixada de lado. Este silêncio talvez se explique por razões ambivalentes. De um lado, a ideologia dizia que a religião não era objeto digno de ser estudado. Por outro, a prudência política sugeria que não se deve cutucar o tigre com vara curta... (Alves, 2019, p. 68).

8 A secularização, para o autor Antônio Flávio Pierucci (1998), é um termo bastante complexo e controverso que no Brasil e na América Latina precisa ser compreendido melhor. No Brasil, o termo pode ter quatro significados:

1) tornar secular ou leigo o que era eclesiástico; 2) fenômeno histórico em que crenças e instituições religiosas passam para doutrinas filosóficas; 3) transferência de um bem sagrado a uma pessoa jurídica e 4) tomada de terras da igreja pelos nobres ocorrida durante a Reforma Protestante. Porém, a palavra “secularização” é originalmente utilizada dentro do Direito Canônico e também significava a passagem dos clérigos para a vida mundana. É importante diferenciar também as palavras “secularização” e “desencantamento”, pois, segundo Pierucci, a primeira refere-se ao abandono total, a subtração, a negação da religião e do estado religioso e a segunda diz respeito às sociedades religiosas que eliminaram a magia como meio de salvação (Pierucci, 1998, p. 9). Segundo o autor Edvaldo Carvalho (2010), baseando-se no Pierucci: “O processo de secularização diz respeito a um progressivo, mas não linear, complexo e intrincado deslocamento da religião de sua posição axial como instância produtora de um sentido globalizante, responsável pela integração social, para a esfera das relações privadas” (Carvalho, 2010, p. 182).

Entretanto, muitos trabalhos têm sido realizados na atualidade e o interesse pela religião aumentou quando se percebeu que ela estava diretamente ligada aos rumos da nossa política desde o período da colonização até os dias atuais, passando por grandes momentos históricos do nosso país e influenciando os períodos eleitorais.

2.1 Postulados sociológicos contemporâneos: contexto brasileiro

Segundo Fabrício Roberto (2011), uma das principais identidades do Brasil é o catolicismo. A Igreja Católica possuía essa marca de única instituição religiosa oficial até o século XIX, por isso, gozava da proteção do Estado e usufruía de todos os benefícios e aparatos possíveis dos governos. Na Era Vargas, por exemplo, a Igreja Católica foi uma forte aliada do Estado, ampliando suas relações e ajudando na manutenção do seu poder. Segundo o autor Paulo Julião (2012),

Vargas aproveitou a religião para usá-la como instrumento de dominação. O domínio da fé por parte dos católicos teria ficado evidente. O estado precisava manter o espírito cristão, e Getúlio Vargas precisava ser visto como Pai da nação em uma perspectiva cristã. Para ilustrar suas colocações, o autor cita o apelo popular na proclamação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, onde estiveram presentes diversas lideranças políticas. A igreja também teria feito sua parte apoiando o Estado em questões políticas delicadas (Silva, 2012, p. 02).

A Constituição de 1891⁹, que separou oficialmente a Igreja do Estado, consagrou o período da perda de influência da Igreja para movimentos que estavam em ascensão, como o comunismo, positivismo, racionalismo e liberalismo. No entanto, sabemos que essa separação não aconteceu tanto na prática, visto que as suas relações foram e ainda são sempre bem estreitas apresentando desafios no nosso contexto contemporâneo.

Mesmo com toda essa aparente perda e declínio da Igreja Católica, ela permanece resistente criando algumas organizações que farão total diferença no seu mínimo domínio contra concepções de organizações sociais que eram “nocivas” e “contrárias a Deus e aos valores morais”.

9 A Constituição de 1891 consagrou a noção de laicidade, contribuindo com três noções fundamentais que temos até hoje: o direito de termos uma religião, o direito de mudarmos de religião e o direito de não termos nenhuma religião.

Algumas dessas organizações são os Círculos Operários Católicos¹⁰ e a Juventude Operária Católica¹¹. Porém, nenhuma iniciativa foi tão grande quanto a Liga Eleitoral Católica (1932 a 1937) que foi criada com o intuito de “recatolizar” o Brasil após a ascensão dos movimentos seculares. A Liga também tinha o objetivo de influenciar o legislativo federal nas eleições de 1933 e a Assembleia Nacional Constituinte realizada também no mesmo ano.

Segundo o autor Luis Gustavo (2017), com base no conceito de laicidade¹² do Estado, acreditamos não ser razoável justificar interferências da religião na política a partir da legitimidade, pois se o critério for este, se abre um leque de precedentes, tendo em vista que a construção social que torna uma agenda legítima ou ilegítima, democrática ou antidemocrática está em permanente disputa. Porém, na prática, isso é praticamente impossível, visto que a influência da religião na política está arraigada na nossa história.

Tanto a igreja católica quanto as igrejas pentecostais e transpentecostais usaram dessas ferramentas políticas para garantirem seus espaços nas leis e discussões da Constituição. Sob a justificativa de que os cristãos precisavam ter o seu lugar e lutar contra os “poderes das trevas”, essas denominações cristãs promoviam homens de dentro das próprias igrejas, com carisma e que fosse fiel aos valores morais e religiosos, para adentrarem na política e representarem as outras ovelhas do rebanho. Já dentro do meio político e, deixando a laicidade de lado, eles defendiam os valores como a família, moral, religião e bons costumes.

Segundo Maria Pia (2016), é inegável a influência da religião sobre a política no contexto brasileiro. De acordo com ela,

Observa-se que os debates acerca das relações entre política e religião mostram o poder de influência que a segunda exerce sobre a primeira, de maneira especial, em períodos eleitorais em que as relações se intensificam a fim de, por exemplo, (des) mobilizar votos em prol de determinados candidatos a cargos eletivos, eleger candidatos religiosos para representar as questões de sua comunidade religiosa, levantar questões polêmicas para o debate no espaço público, etc (Santos, 2016, p. 20).

10 Foi uma associação criada no dia 23 de dezembro de 1871 que tinha o objetivo de reaproximar a classe operária do Cristianismo.

11 Foi um movimento da Igreja Católica para jovens entre 14 e 30 anos que tinha o intuito de aproximar a igreja, cada vez mais distante, de uma parcela da população que estava mais à margem da sociedade.

¹²A discussão sobre Laicidade aqui no Brasil é bastante controversa. De um lado, alguns pesquisadores não chegam a uma concessão sobre o que seria de fato a laicidade na prática, por outro, há a ideia de que deve haver uma autonomia entre a religião e a política em que uma não poderia intervir na outra. Porém, segundo Mariano (2011, p. 244), a laicidade deveria ser a redução da presença e influência das organizações, crenças e práticas religiosas sob as instituições jurídicas e políticas.

Como já dito, a religião e a política nunca estiveram separadas, nem mesmo com a Constituição de 1891 e a religiosidade brasileira tem estado presente em todo discurso econômico, político, moral e imaginário. A sociedade brasileira é religiosa. Segundo O GLOBO¹³, uma pesquisa feita pelo Instituto Ipsos¹⁴ mostrou que o Brasil é o país que mais crê em Deus no mundo: 89% dos brasileiros acreditam em um deus único.

Alguns veem essa questão como um problema, pois muitas vezes a religião tem a palavra final sobre processos que deveriam ser neutros ou totalmente políticos, já que o nosso Estado é - ou deveria ser - laico. Mas, não existe religião pura, como não existe política neutra¹⁵. Segundo o autor Fabrício Roberto:

Por mais que a constituição e leis nacionais afirmem de forma consistente a separação entre os campos político e religioso, a interação e implicações múltiplas entre estas duas instâncias da vida social é extremamente presente (...). As relações entre religião e política, no Brasil, superam diferentes períodos e contextos, passando por readaptações e transformações contínuas e dialogando estreitamente com as condições sociais, políticas e econômicas. Os agentes sociais do campo religioso são dinâmicos e reagem ativamente no campo político quando suas demandas e crenças estão sob ameaça. Dessa forma, colocam no cenário público as crenças religiosas, levando-as em consideração, muitas vezes de maneira decisiva, para se fazer escolhas políticas (Oliveira, 2011, p. 59).

Segundo Saulo Baptista (2007), esses sentimentos religiosos estavam presentes em todos os nossos marcos históricos, como por exemplo, na colonização, na Ditadura Militar, na separação oficial da Igreja e do Estado. Saulo continua:

A religiosidade também está presente no otimismo com o futuro, em grandes projetos, como foi a construção de Brasília por Juscelino Kubitschek, e em obras faraônicas da ditadura militar, causadoras de grande parte da dívida brasileira aos bancos internacionais. Alguns destes projetos estão inacabados e abandonados: são ruínas que comprovam a insanidade de quem governa contra os cidadãos. O mito de que “Deus é brasileiro” é outra forma de manifestar esse otimismo. Está presente no futebol, em festas em geral e no carnaval em particular, e, mais ainda, na celebração de uma natureza exuberante, que de fato habilita o território do País como espaço ideal para a implantação de inúmeros empreendimentos (Baptista, 2007, p. 110).

13 O GLOBO. *Brasil é o país que mais crê em Deus no mundo, diz estudo: 89% da população*. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/05/brasil-e-pais-que-mais-cre-em-deus-no-mundo-diz-estudo-89percent.ghtml>>. Acesso: 23/06/2023.

14 O Instituto Ipsos é a terceira maior empresa de pesquisa e inteligência de mercado do mundo. Fundada na França, em 1975.

15 Segundo a autora Maria Pia (2016), os campos políticos e religiosos não estão fechados em si mesmo. As questões políticas acabam sempre desembocando nas questões religiosas e vice-versa, sendo assim, é impossível existir uma delimitação entre estes campos, produzindo ações que atingem todos os sujeitos sociais.

Um exemplo dessa religiosidade entranhada na sociedade brasileira mostra um fato bastante curioso no campo político. Por vezes, os políticos que não manifestam suas crenças ou que afirmam que não possuem nenhuma religião podem ter seu destino político comprometido. O autor Fabrício Roberto nos dá um ótimo exemplo:

O estudo de Oro (2001) junto aos políticos do estado do Rio Grande do Sul (vereadores da capital e deputados estaduais) revela que 64% dos vereadores e 79% dos deputados, que responderam aos questionários da pesquisa, “consideram que a imagem de um político está socialmente comprometida caso se afirme sem vínculo religioso” (Oro, 2001:167). Assim, acreditam que poderiam ser prejudicados em suas votações caso afirmassem não possuir crenças religiosas (Oliveira, 2011, p. 37).

Segundo o autor Luis Gustavo,

Historicamente, parece haver uma certa admissibilidade ou ausência de impedimentos para que ideias religiosas sejam mobilizadas como forma de intervir no funcionamento do Estado e no mundo secular. Isso ocorre porque, embora o Estado tenha se constituído como uma república no século XX, os privilégios da Igreja foram preservados, tanto para estabelecer como religião pretensamente “oficial”, como para pressionar o Estado no intuito de influenciar no modelo comportamento de grande parcela da sociedade (Silva, 2023, p. 17).

Essa abertura e aceitação escancarada da religião na política e nos espaços de poder podem ser perigosos porque à medida em que ela se mistura com os altos poderes, ela se torna uma ferramenta maleável e eficaz nas mãos dos poderosos que querem a todo custo chegar lá em cima. Sabendo que o país é majoritariamente cristão, os políticos usam exatamente a religião para manipular os fiéis, retirando todo o senso crítico e incentivando o rebanho a seguir o caminho imposto em nome de Deus.

Porém, por outro lado, não podemos impedir a entrada de religiosos nos campos políticos¹⁶, pois os que sabem fazer verdadeiramente uma política saudável desejam trabalhar em conjunto com as suas crenças religiosas em nome de uma gestão que contribua para o bem comum de toda a sociedade. Não podemos supervalorizar a entrada de religiosos na política, sendo o nosso dever acompanhar de perto os rumos e os perigos que podem acarretar na nossa democracia, mas também não devemos subestimar os seus feitos e avanços para a nossa sociedade.

¹⁶ Até porque a entrada seria inevitável, pois uma das causas de religiosos na política se dá exatamente por causa do mercado religioso brasileiro em que oferece uma enorme variedade de crenças. Ou seja, quanto mais expressões religiosas surgirem, mais religiosos estarão na política buscando a sua devida representação.

Outro ponto importante, que merece ser destacado neste trabalho, é que formas organizacionais que misturam política com religião, não quer dizer necessariamente que são diferentes funcionais. Exemplificando melhor: um político que trabalha pelo bem social como educação, saúde, segurança para a população como um todo, possui um sentido religioso naquilo que faz. A religião está tão intrínseca na política que, no indivíduo que é tanto político quanto religioso, não existe mais separação entre o trabalho comunitário e a sua crença. Segundo os autores Roberto Dutra e Nelson Lellis (2022),

(...) nem tudo o que ocorre em organizações religiosas são práticas puramente religiosas. Organizações articulam lógicas e códigos de diferentes sistemas funcionais. (...) O trabalho social pode ter, simultaneamente, um sentido religioso para quem o realiza orientado pelo transcendente, um sentido econômico para seus destinatários e um sentido político para quem eventualmente obtém e/ou mantém posições de poder político com base nele (Dutra, Lellis, 2022, p. 15).

Um ator social que está intrinsecamente comprometido com a sua religião para o bem comum é o pedagogo e presbítero católico Júlio Lancellotti (1948). Atuando nas ruas de São Paulo com outros líderes religiosos, ele oferece refeições gratuitas para as pessoas em situação de rua. Segundo ele, defender os pobres, oprimidos e marginalizados é seguir Jesus. Um trabalho social que deveria ser amparado e de responsabilidade do Estado, é feito por um religioso, sem fins lucrativos, que não vê diferença entre o bem comum e social da sua crença católica. Está totalmente intrínseco.

Outro exemplo da nossa atualidade é o Pastor Henrique Vieira (1987) que ganhou nas eleições de 2022 o posto de Deputado Federal, recebendo 53.933 votos. Defendendo os direitos humanos e a laicidade do Estado, não nega a sua identidade religiosa e cristã. Nas suas palavras, “a igreja tem que ser autônoma diante do Estado e dos partidos, mas ela não pode ser neutra diante da opressão e da violência.”

Esses exemplos nos mostram que a religião pode ir além das quatro paredes dos templos e essa representação religiosa saudável no meio político é de suma importância. Segundo o autor Fabrício Roberto:

A representação que se faz de si é de um engajamento político como consequência de motivações das atividades religiosas. Neste caso, o engajamento é representado uma necessidade e responsabilidade adquirida por meio de suas atividades religiosas, sendo construída a perspectiva de que o trabalho político é ‘trabalho social a favor do mais sofrido’. Nessa lógica, seria incompatível falar: ‘que rezo ou que estou na Igreja, se eu não tiver fazendo trabalho pelo social’. A concepção é de que a religião exige práticas

pelo 'social' que vão além da 'reza'. Essa legitimidade religiosa procura revelar uma concepção de que a política é algo a fazer bem aos outros, uma forma de construir um 'bem comum' e estar a serviço da comunidade (Roberto, 2011, p. 54).

É por isso que aqui defendemos que a participação de religiosos na política é válida e não há como impedir isso. Essa não é a questão. A questão é o monopólio do poder por parte de uma religião que quer dominar outras classes que não pensam igual. A questão são os discursos monossêmicos que não aceitam outro sentido e argumentação. Como diz a autora Priscila:

A participação das religiões, por mais diferentes que sejam suas crenças e práticas nas instâncias políticas não é o que perturba a ordem democrática, o que verdadeiramente ameaça o regime da democracia é o monopólio de uma religião, a sobreposição de uma em outra. Vale enfatizar mais uma vez o fato de que o vínculo entre religião e política não é um episódio recente, mas um fenômeno histórico que, ao longo da história, foi assumindo diferentes configurações e perspectivas. Hodiernamente, a relação entre religião e política encontra-se em constante transformação e reconfiguração, dado que apresentam formas variáveis, fluidas, complexas e indeterminadas de se externalizarem (Priscila, 2017 p. 42).

Nessa relação entre política e religião temos uma estrutura marcada pela manutenção do poder. É desejando esse poder, que diversos atores políticos e sociais, durante a nossa história, usam a religião como uma grande aliada. Isso desemboca nas hipóteses que propomos nesse trabalho: de que o voto dos evangélicos podem ser conquistados através de estratégias distintas, pois garantem os cursos do nosso sistema político.

No próximo capítulo, traçaremos como acontece a entrada do movimento transpentecostal na política e como ele consegue ganhar forças dimensionais, influenciando-a e moldando-a. O nosso foco será a Igreja Universal do Reino de Deus, pois ela possui um poder de influência maior entre todas as outras denominações. No entanto, não deixaremos de mencionar outras igrejas que estão também envolvidas, mesmo que de uma maneira mais secundária.

3. SURGIMENTO DO TRANSPENTECOSTALISMO E SUA INFLUÊNCIA NA POLÍTICA

Em primeiro lugar, é importante destacarmos o que seria o Pentecostalismo e a sua expansão aqui no Brasil antes de adentrarmos no Transpentecostalismo propriamente dito, pois este surge a partir daquele. Há quem diga que o Pentecostalismo já é bastante estudado pela academia, mas, pelo contrário, ele continua a crescer cheio de novidades que podem surpreender tanto os estudiosos quanto os próprios cristãos católicos e protestantes. Segundo Freston (1933):

(...) As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica (...) não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o "pentecostalismo" (Freston, 1993, p. 64).

No Brasil, o pentecostalismo é compreendido através da metáfora das três ondas descritas por Paul Freston. A primeira tem início no século XX através das igrejas Congregação Cristã, fundada em 1910 e a Assembleia de Deus, de 1911. Estas duas denominações apresentavam algumas características que chamavam a atenção: eram extremamente anticatólicas, antipolíticas, possuíam a crença no dom de línguas, batismo no Espírito Santo, salvação plena apenas mediante a rejeição do mundo etc.

A segunda onda do pentecostalismo começa em meados da década de 1950 com as seguintes igrejas: Evangelho Quadrangular (1951), igreja pentecostal O Brasil para Cristo (1955), igreja pentecostal Deus é Amor (1962). Já estas possuíam uma relação mais próxima com as camadas mais pobres¹⁷ do Brasil e as suas principais características eram a cura divina, libertação de forças malignas, imposição de mãos para abençoar, utilização de óleos ungidos, próxima ligação com as mídias modernas etc.

Por fim, a terceira onda surge a partir de 1960 e é marcada pelo surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (1977). As igrejas que nascem durante esse período têm como contexto a urbanização, o inchamento das cidades, modernização, comunicações de massa, crise do catolicismo, crescimento da Umbanda, então, nesse período se vê outra realidade brasileira. Suas características são o batismo no Espírito Santo, conduta pura, libertação do mal, inspiração divina, ligação aberta com a política e com o mundo, proselitismo, guerra às

¹⁷Segundo Freston (1933), o pentecostalismo é, original e historicamente, uma religião de pobres.

religiões de matrizes africanas etc. É exatamente aqui que este trabalho se insere: no Transpentecostalismo.

O Neopentecostalismo, que aqui estamos chamando de Transpentecostalismo, surge na década de 70, mas seu crescimento e fortalecimento ganham grande impulso apenas na década de 80 e 90, como uma vertente do pentecostalismo, porém, com algumas consideráveis divergências¹⁸. No Brasil, o transpentecostalismo nasceu com o surgimento da igreja Universal do Reino de Deus e, logo em seguida, surgem outras denominações como a Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, entre outras.

De acordo com Oro (2001), o transpetencostalismo possui características bem exclusivas e específicas, pois nenhum outro movimento possui semelhanças com ele. O transpentecostalismo é, por assim dizer, um fenômeno novo e, por esse motivo, causa olhares curiosos de quem está do lado de fora, tanto de estudiosos quanto de crentes que querem movimentar, digamos assim, a sua religiosidade. Oro consegue delimitar bem o perfil dessas igrejas e suas principais características:

(...) exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (Oro, 2001, p. 73).

Ele surge com muitas mudanças das duas últimas fases do pentecostalismo: preserva os valores místicos como o batismo no Espírito Santo, acentua as curas divinas, promove campanhas milagrosas, mas tende também ao universo midiático, à Teologia da Prosperidade¹⁹ e do Domínio²⁰, onde possuem muito êxito.

18 Essas divergências, que seria a teologia transpentecostal, é quase impossível de ser definida, pois ela possui um leque de possibilidades e posições que mudam todas as vezes que o líder achar conveniente às necessidades. Por isso, usamos aqui o termo “transpentecostalismo” que remete também à variedade de doutrinas.

19A Teologia da Prosperidade surgiu nos EUA por volta dos anos 30 e 40 com E.W. Kenyon, mas alcançou seu auge em 1970 com Kenneth Hagin (1918). No Brasil, essa Teologia aparece nos anos 70 influenciando várias igrejas como a IURD, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica, Nova Vida, Cristo Salva, etc. O crente imerso nesta Teologia pode agora entrar no mundo dos negócios, sonhar com riquezas, realizando tudo aquilo que almejou e sonhou.

O Transpentecostalismo também possui uma característica social muito forte: ele atinge as populações mais pobres, visto que o pentecostalismo nasce nas camadas que estão à margem da sociedade. É na periferia que ele encontra seu lugar. Na época do seu surgimento, 75% da população não ganhava mais que um salário mínimo e estavam carentes de esperança - esperança essa que tinham perdido depois das falsas expectativas de melhora prometidas pelo governo militar.

Essa sociedade totalmente fragilizada ouve então a promessa de dias melhores através de rádios e televisões das igrejas que prometem agora a ascensão social daqueles que estão buscando mudar de vida, prometem as bênçãos materializadas de Deus. De acordo com a autora Mariana Cortês (2021):

A conquista da prosperidade pressupunha, contudo, uma espécie de contrato entre o fiel e Deus, na qual quanto mais ousado fosse o fiel na oferta em dinheiro (ou em bens materiais) para Deus, maiores eram as chances de ser recompensado com bênçãos multiplicadas. A Teologia da Prosperidade era uma barganha mágica que atendia demandas desesperadas e agudas de uma população flutuante e miserável, mas não continha, em si mesma, um fundamento motivacional para a construção de uma disposição econômica duradoura e estável (Cortês, 2021, p. 13).

A antropologia do transpentecostalismo é pautada, principalmente, na ideia de que o sujeito que está em conformidade com o divino, será repleto de bênçãos e felicidade, superando qualquer forma de mal-estar e sofrimento²¹. Porém, aquele que está distante dos caminhos de Deus, é passível de toda e qualquer mazela advinda do inimigo - o Diabo.

Mariano (2005) cita as principais possessões demoníacas do homem que está longe desse caminho, de acordo com o que é pregado pelas lideranças, que são: “[...] nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doenças cujas causas os médicos não descobrem, visões de vultos ou audição de vozes, vícios e depressão” (Mariano, 2005, p.115).

Já as bênçãos, para o fiel que está em conformidade com Deus, se constituem sempre no sucesso financeiro e na prosperidade do sujeito que, devido a isso, retribui, com ofertas

20 A Teologia do Domínio é difundida na década de 1980 por Peter Wagner. A ideia defendida é a de que Deus deu autoridade e domínio ao homem sobre a terra, mas foram perdidos pelo pecado original. Esse poder é restabelecido através da morte de Jesus e os crentes devem tomar posse novamente dessa autoridade por meio de uma luta ferrenha contra o diabo. Logo, os fiéis devem exercer essa liderança onde estiverem, dominar e ditar regras de acordo com os valores do Reino.

21 Segundo Oro (1992), esses problemas e angústias são bem percebidos pelos líderes transpentecostais que sempre explicam sua origem e solução de uma forma transcendental.

cheias a Deus, ou melhor, à igreja e aos seus líderes. Isso produz uma importância exacerbada ao dinheiro, assumindo, escancaradamente, o seu interesse claro por ele. Segundo Roberto Torres (2007), isso “reafirma uma concepção de divindade já presente no imaginário religioso de nossa sociedade, cuja força se manifesta exatamente mediante benesses materiais concedidas aos fiéis, como recompensa pela adoração bajuladora” (Torres, 2007, p.107).

Por outro lado, isso também gera muitas discussões em torno dessas igrejas com perfis mercadológicos por parte de outras denominações e até pela sociedade em geral: até que ponto essas igrejas podem exigir recursos extravagantes de seus fiéis a ponto de faturarem milhões e até bilhões de reais mensalmente enquanto alguns fiéis passam até necessidades? Segundo Ari,

Além da base ideológica fornecida pela Teologia da Prosperidade, não há como não reconhecer a eficiência da gestão financeira, na Universal e em outras empresas religiosas neopentecostais que prosperam, como condição indispensável para o seu sucesso econômico. Mas também não há como não se indagar sobre a possível existência de abuso econômico e, portanto, de práticas moralmente condenáveis por parte de certas igrejas em relação às expectativas criadas por parte dos que as procura. Trata-se de uma questão complexa que, ao longo do tempo, como bem lembra R. Mariano, sobretudo relativamente à Universal, tem conduzido parte da imprensa e da academia a ver nelas práticas de mercantilismo e de estelionato (Mariano, 1998) (Ari, 2001, p. 77-78).

O abuso econômico por parte de igrejas e lideranças não são denunciados pelos fiéis, pois, segundo a lógica da mensagem pregada, essas ofertas voluptuosas são, na verdade, sacrifícios dados para conseguirem as bênçãos dos céus prometidas pelos pastores. Ou seja, essa relação pode ser imaginada como um tipo de barganha: o fiel dá tudo o que tem para receber o “melhor dessa terra”. Por isso, mais uma vez: não é abuso, é sacrifício. É troca.

Outra característica forte no transpentecostalismo, mas que na verdade é uma característica forte nas religiões monoteístas em geral, é a sua sina pela manutenção do poder. Pierre Bordieu, em sua obra “A economia das trocas linguísticas” (1982), nos diz que o uso da linguagem é também uma forma de dominação de poder, mas que deve ter condições favoráveis para fazer tal efeito sobre outros. O poder que as palavras possuem é apenas o poder dado ao porta-voz, que dentro do transpentecostalismo, seria o pastor, o líder, o sacerdote ungido, cujas palavras proferidas nunca são de sua autoria, nunca vem de si mesmo, mas sim da instituição que lhe dá essa autoridade.

Práticas mágicas²² também são bem recorrentes em algumas igrejas transpentecostais, isso porque promessas como saúde, emprego, parceiros (as), superação de vícios, harmonia do lar, prosperidade, curas, são prometidos constantemente por essas igrejas, atraindo assim clientes interessados, na maioria das vezes, a não fazer parte daquela comunidade, mas sim a buscar a solução dos seus problemas imediatos. Segundo o autor Oro,

O neopentecostalismo é atualmente, entre nós, o segmento religioso que mais tem expressado e explorado, de forma dinâmica e "marqueteira", a sua face mágica. Isto tem sido um elemento de acusação e tem suscitado debates e controvérsias, dependendo da concepção de magia de que as pessoas são portadoras (Oro, p. 81).

Os ritos transpentecostais, como por exemplo, os cultos, a santa ceia, o batismo nas águas, o batismo no Espírito Santo, os retiros espirituais, as ofertas consideravelmente cheias, os sermões, possuem uma magia que reside nas relações sociais constitutivas do próprio ritual, ou seja, os ritos são eficientes porque são praticados continuamente, se repetem. É a repetição que torna o rito eficaz e o mito vivo.

3.1 A influência do Transpentecostalismo na política partidária brasileira

Começaremos, primeiramente, com a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), fundada em 1977 pelo Bispo Edir Macedo, pois seu poder de influência supera todas as outras denominações no meio político²³. Por ordem decrescente, as cinco denominações apresentaram as seguintes taxas médias de crescimento anual entre 1991 e 2000: Igreja Universal (25,7%), Deus é Amor (18,4%), Evangelho Quadrangular (17,7%), Assembleia de Deus (14,8%) e Congregação Cristã no Brasil (4,8%) (Mariano, 2005).

Edir Macedo possui 1,87 milhões de fiéis em suas comunidades que estão presentes em mais de 100 países. Na comunicação, ele controla a *Rede Record*, o canal *Record News*, o portal *R7*, a gravadora *Line Records*, a editora *Universal Produções*, o controle de 49% do *Banco Renner* e mais dezenas emissoras de rádios.

22 Aqui vamos entender a mágica como recompensas específicas. Segundo Ari: “há ainda uma percepção de magia - tal como propõem os autores norte-americanos Stark e Bainbridge - como oferta, por parte de algumas instituições religiosas, de ‘compensadores específicos’, distintos dos ‘compensadores gerais’, sendo este aspecto o principal elemento distintivo entre magia e religião. Esta última ‘é uma organização humana dedicada principalmente a prover compensadores gerais baseada em presunções sobrenaturais’; magia, ‘ao contrário, se limita a compensadores menos gerais, por recompensas específicas’ (A. Frigerio, 1998:4).” (ARI, p. 81)

23 Para uma rápida demonstração do quanto a igreja Universal pode ser decisiva nas eleições, segundo os autores Guilherme Alberto Rodrigues e Mario Fuks (2015), os membros desse grupo têm a maior chance de votar em um candidato evangélico, que represente a sua denominação, em 198%. Portanto, a IURD é a maior definidora dos votos evangélicos.

Como acabamos de ver, o sucesso da IURD nesse meio se dá por alguns fatores: 1) a sua invejável influência midiática²⁴, visto que o fundador é dono de uma das maiores emissoras do Brasil: a Rede Record²⁵; 2) o seu carisma institucional²⁶; 3) a sua influência em outras denominações protestantes e 4) ao contrário da Assembleia de Deus, por exemplo, a IURD não produziu uma cultura antipolítica entre seus membros. Ou seja, a presença dos fiéis no meio político sempre foi incentivada pelas lideranças iurdianas.

Tudo começa em 1986 quando a IURD e outras igrejas pentecostais, como Assembleia de Deus e Evangelho Quadrangular, apresenta seu primeiro deputado federal para a Assembleia Constituinte, o Roberto Augusto Lopes (PTB). Em 1990, elege três deputados federais e outros seis deputados estaduais. Em 1994, duplica o número de deputados federais e aumenta o número de deputados para assembleias legislativas. Segundo Saulo Baptista (2007), os números são impressionantes: em apenas cinco anos (1987-1992), os pentecostais tiveram nove vezes mais parlamentares do que em 54 anos anteriores (1933-87). Essa participação saltou de 6% para 55%.²⁷

Cabe aqui ressaltar que o poder de influência da IURD é tão grande que ela consegue eleger não só os políticos de sua própria denominação, mas também os que não estão ligados diretamente a ela. Como destaca Campos:

Os partidos ou programas não [...] fazem diferença alguma [para os candidatos], porque o essencial para eles é a manutenção do apoio da Igreja que o elegeu. Sem essa Igreja, ele nada é; perde a função de locutor, pois o discurso não lhe pertence; não passa de um mero ator coadjuvante, que participa de uma dramaturgia que não se dirige; e recebe da instituição que o escolheu um script pronto para uma atuação fundamentada na plena, total e irrestrita obediência às autoridades religiosas. O “político de Cristo” é uma figura vazada, que somente a instituição, as massas ou as circunstâncias, podem preencher (Campos, 2006, p.85).

²⁴Sobre sua importante influência midiática, é importante destacar a fala da antropóloga e professora da USP, Paula Montero, que diz que o protestantismo não existe sem meios midiáticos e que os protestantes usam essas ferramentas para benefício próprio melhor do que ninguém.

²⁵Em 1995, também comprou a sede e equipamentos da TV Jovem PAN por US\$30 milhões.

²⁶ Segundo Oro (2003), o resultado desse poder carismático da IURD é tão forte que o ato de votar é tido como um sentido religioso. Segundo ele, “o efeito de sentido produzido pelo discurso e pelo carisma da IURD por ocasião do período que precede as eleições é tal que seus fiéis acrescentam um sentido a mais ao ato de votar além do dever cívico, na medida em que o gesto de votar assume o significado de um rechaço do mal que se instalou na política e sua substituição pelo poder do bem, introduzindo nele, mediante o voto, pessoas convertidas ao evangelho” (Oro, 2003, p. 57).

²⁷Em matéria publicada na revista “*O GLOBO*”, atualmente, nas eleições de 2022, as candidaturas evangélicas aumentaram cerca de 25%, batendo o recorde desde as eleições de 2002 e 2014, que tiveram 27 eleitos nas eleições de cada uma. Esses candidatos eleitos em 2022 não são todos da IURD necessariamente.

Leonildo Campos (2002) compara o modo de participação política dos evangélicos em “os políticos de Cristo” e “os políticos evangélicos”. Os políticos evangélicos inspiram-se em ideias liberais dos norte-americanos e não acreditam numa transformação da sociedade. Estão motivados por valores como liberdade de consciência, separação de Igreja e Estado etc. Esses políticos são resultantes de iniciativas individuais e buscam votos no público evangélico apenas por pertencerem a esses ambientes. O outro tipo de político é o político de Cristo, cuja prática, não passa pela valorização do sistema partidário, nem pelas ideologias políticas. Segundo Saulo Baptista (2007), as igrejas pentecostais possuem mais facilidade e agilidade nos espaços políticos, isso porque, diz ele:

As denominações pentecostais têm comando autoritário, exigem consenso teológico e exercem maior controle sobre o cotidiano dos membros. Parte desse consenso e controle está na ideologia de que o crente vive na luz, enquanto o incrédulo vive nas trevas. Logo, ‘é melhor votar num crente do que escolher um ímpio’ (Baptista, 2007, p. 186).

Segundo o “*UOL: congresso em foco*”, em 2020²⁸, por exemplo, os evangélicos eram 20% do Congresso, com 105 deputados e 15 senadores²⁹. Vamos citar alguns que fazem parte da IURD e que compunham esse grupo evangélico em 2020: Aline Gurgel (Republicanos), Aroldo Martins (Republicanos), Carlos Gomes (Republicanos), Gilberto Abramo (Republicanos), Jhonatan de Jesus (Republicanos), Jorge Braz (Republicanos), Julio Cesar (Republicanos), Manuel Marcos (Republicanos), Márcio Marinho (Republicanos), Marcos Pereira (Republicanos), Maria Rosas (Republicanos), Milton Vieira (Republicanos), Ossessio Silva (Republicanos), Roberto Alves (Republicanos), Vava Martins (Republicanos) e Vinicius Carvaço (Republicanos).

A IURD é tão brilhante nas suas façanhas políticas, que ela possui uma estrutura própria de fazer política que, desde 1997, adotou, no âmbito nacional, o modelo corporativo da “candidatura oficial”. As igrejas realizam, antes das eleições, uma campanha para os jovens de 16 anos obterem seu título eleitoral e efetua um tipo de listagem de seus membros/fiéis, no qual organizam os seus dados eleitorais. E como isso é feito? Oro explica

28 Apenas a guisa de informação e comparação: segundo o ISER, em 2022, dos 513 deputados eleitos, 404 tiveram sua confissão religiosa identificada. O ranking se dá da seguinte forma: Católicos 45,4%; Cristãos 16,4%; Evangélicos 14,8%; Afrorreligiosos 0,6%; Espíritas 0,6% e Espiritualidade Indígena 0,2%.

29 UOL. *Veja quais deputados e senadores fazem parte da bancada evangélica*. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/veja-quais-deputados-e-senadores-fazem-parte-da-bancada-evangelica/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Juntos deliberam quantos candidatos lançam em cada município ou Estado, dependendo do tipo de eleição, baseados no quociente eleitoral dos partidos e no número de eleitores recenseados pelas Igrejas locais. Uma vez lançados os candidatos, usam os cultos, as concentrações em massa e a mídia própria (televisão, rádio, jornal) – de acordo com a legislação eleitoral – para fazer publicidade dos mesmos (Oro, 2003, p. 55).

Só a título de exemplo, nas eleições de 2002, a IURD apresenta algumas novidades em relação às eleições antigas. Ao final dos cultos mais concorridos, não somente era mencionado o nome e o número dos candidatos da Igreja aos cargos eletivos, mas, algumas vezes, os próprios candidatos eram apresentados aos fiéis/eleitores ou, em caso de sua ausência, os bispos ou os pastores faziam subir no “palco/altar” alguns cartazes com fotos dos candidatos.

Além desses procedimentos, em 2002, em Porto Alegre, um mês antes das eleições, uma grande faixa foi fixada no fundo da “catedral da fé” contendo os dizeres: “vamos orar pelos nossos representantes”, após o que aparecia a passagem de Provérbios 29:2: “Quando se multiplicam os justos o povo se alegra; quando porém domina o perverso o povo geme”. E ainda, em alguns domingos, um banner de uma urna eletrônica foi levado ao altar.

Com ele o bispo ou o pastor que presidia a reunião ensinava, de forma bastante didática, seus fiéis a votarem em seus candidatos. Ainda, em Porto Alegre, no domingo dia 15 de setembro de 2002, uma urna eletrônica da Justiça Eleitoral foi posta à disposição dos fiéis no hall de entrada da catedral para os que quisessem treinar a votar. Esses e outros exemplos são recorrentes em períodos de eleições nas Igrejas Universais.

Esses exemplos nos mostram o poder que a igreja tem em persuadir seus fiéis e, para isso, são capazes de quase tudo. Parte disso se dá também por meio de sua organização eclesial que é característico próprio de igrejas transpentecostais. Modelos eclesiais centralizadores, tendem a ser mais eficientes na propagação de informações políticas.

Edir Macedo, bispo geral da denominação, possui um poder centralizador não só sobre os fiéis, como também em seus pastores e diáconos. Quanto menor interação com o seu rebanho, mais autoritário se torna, pois, a sua mensagem será padronizada e direcionada para todos, conformando esses, aos seus próprios padrões bíblicos. Sem comunicação, a coerção é extraordinariamente maior e mais eficaz.

O papel do bispo Edir Macedo na coerção dos fiéis é fundamental, pois ele representa uma liderança maior, “autorizada por Deus”, com poder suficiente para ditar verdades incontestáveis e propagar as mensagens bíblicas como bem quer. Assim, os fiéis acatando as mensagens do divino bispo, são persuadidos a agirem e votarem de acordo com a ordem superior. Segundo Freston (1994), esses líderes cheios de poder atuam de forma intencional e estratégica ao legitimar o projeto eleitoral em suas igrejas e induzirem seus fiéis da maneira mais proveitosa para si próprios. Como bem diz Ricardo Mariano (2010):

Líderes pastorais, com raras exceções, procuram transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais, visando ampliar seu poder político, defender valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública [...]. Tratam, portanto, de instrumentalizar a política partidária, justificando o ativismo político como recurso para defender suas bandeiras religiosas e corporativas. Por consequência, a cada eleição, esses religiosos se veem mais e mais instrumentalizados eleitoralmente por partidos e candidatos de todas as colorações ideológicas (Mariano, 2010).³⁰

Porém, não é apenas a IURD que possui influência na política brasileira. A igreja Assembleia de Deus, por exemplo, não fica para trás quando o assunto é política partidária. Embora ela tenha um histórico antipolítico, com o passar do tempo, ela entende que é necessário colocar também os seus homens e mulheres no jogo, caso contrário, perderia seu espaço.

A Assembleia de Deus, que possui uma posição privilegiada por causa de sua amplitude demográfica, é responsável por fundar o pentecostalismo no Brasil, em 1910, em Belém do Pará. Tendo como principais características o batismo no Espírito Santo, glossolalia, proselitismo, menor burocracia institucional para a abertura de novas igrejas, as Assembleias de Deus regimentam o maior número de evangélicos no país.

No passado, essas igrejas tinham um entendimento totalmente diferente da política. Acreditavam que a política era do “inimigo” e que os crentes não podiam se envolver. Porém, a partir de 1980, após perceber que estavam perdendo seus espaços no meio social, decidiram entrar na política para terem suas pautas bem representadas. Segundo os autores Junior e Neris (2019):

As Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus – ADs, pioneiras do pentecostalismo brasileiro, que nas primeiras décadas de sua história apresentavam um perfil conservador, sectário, ascético e apolítico passou a

30 IHU ONLINE. *O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres*. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3206-ricardo-mariano-1>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

partir da década de 1980 ensaiar sua inserção no campo político, de forma que em 1985 elaborou um ousado plano para eleger seus representantes nas eleições constituintes de 1986 (Junior, Neris, 2019, p. 02).

De acordo com o IBGE, em 2000, as ADs concentravam 47,5% dos pentecostais brasileiros. É a maior denominação pentecostal do Brasil e, na política, ela também não fica para trás. Em 2022, por exemplo, tivemos 29 deputados e deputadas (re) eleitos que são filiados à denominações da Assembleia de Deus.

A Assembleia de Deus é a principal porta-voz de pautas conservadoras sobre questões religiosas e morais dentro da política. Ela se insere na política partidária com um discurso que tenta “converter” a política para Deus, limpar a corrupção e os secularizados que, nesse caso, seriam os “esquerdistas”.

3.2 Frente Parlamentar e Bancada Evangélica

Na imagem abaixo, temos o até então presidente Jair Bolsonaro reunido com alguns membros da bancada evangélica que foi uma importante aliada na sua campanha e vitória em 2018. Neste subitem trataremos algumas considerações acerca da diferença entre a bancada e a frente parlamentar evangélica e de como ela consegue moldar os rumos políticos da nossa sociedade.



Figura 01: O presidente eleito Bolsonaro durante um culto na Câmara dos Deputados.³¹

31 Imagem disponível em: <<https://www.poder360.com.br/opinio/as-pesquisas-nao-captam-o-voto-evangelico/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

Antes da Bancada Evangélica se constituir, surge, paulatinamente, em 1987, a “Frente Parlamentar Evangélica” (FPE) encabeçada e estimulada pelo Adelor Vieira (PMDB/SC). A FPE é o espaço mais formal organizado no Congresso Nacional, que não é composta necessariamente por evangélicos, abarcando também católicos e espíritas. É caracterizada como uma associação civil, não governamental, com personalidade jurídica, estatuto próprio, regimento interno, que reúne indivíduos com os mesmos projetos e interesses em comum.

Ela surge com alguns motivos principais. O primeiro é que os evangélicos, em determinado momento da história, se veem ameaçados, principalmente por parte da Igreja Católica, de exercerem seus cultos e de terem sua liberdade religiosa comprometida. O segundo motivo para o surgimento é a defesa intransigente de questões relacionadas à família, bons costumes e valores tradicionais que, segundo eles, estavam sendo corrompidos pela secularização.

Grande parte dos evangélicos, hoje, são majoritariamente responsáveis pelo ataque a outras manifestações religiosas, sendo pouco sensíveis às demais liberdades. De qualquer forma, para preservar a sua própria liberdade religiosa, a criação dessa Frente Evangélica e a presença enorme dos evangélicos no campo político é o seu eixo de sustentação e o seu argumento principal.

Nem todos os evangélicos estão preocupados com essas questões em específico, e é importante destacarmos aqui, pois, existem diferenciações entre os evangélicos: alguns apoiam a FPE, mas não comparecem em seus eventos; outros não se identificam com o movimento, mas não escondem sua identidade evangélica e ainda há outros que não possuem nenhum interesse específico com a grande maioria dos evangélicos.

Oficialmente, a FPE é instalada em 18 de setembro de 2003, no plenário Ulysses Guimarães da Câmara dos Deputados³². Os parlamentares que fazem parte da Frente se reúnem, semanalmente, para a realização de cultos, louvores, ministração do Evangelho, levando assim todo o ritual cristão para dentro do espaço político. Mas também se articulam para a criação de projetos que defendam seus objetivos religiosos, obviamente.

Dentro da Frente Parlamentar Evangélica existe outro grupo que são os que fazem parte da Bancada Evangélica. Esse grupo é mais restrito, informal e mais ativo na mobilização das

32 Segundo a própria revista da FPE (2004), a sua finalidade é: “*influenciar as políticas públicas do governo, defendendo a sociedade e a família, no que diz respeito à moral e aos bons costumes*”.

pautas que esses parlamentares propõem, chegando a serem mais radicais, autoritários e intransigentes. Chegam a atrapalhar o avanço de pautas fundamentais para grupos mais minoritários, principalmente quando se trata da legalização do aborto, drogas e a constituição de famílias que não seguem o padrão heteronormativa. Segundo o autor Charaudeau (2006 apud Moura, 2017, p. 30):

Charaudeau (2006) firma a noção de que o discurso político da bancada evangélica é atravessado pela reivindicação de uma pureza originária, homogênea que estima a manutenção do status quo e fortalece o imaginário da tradição que afirma a preservação ou o resgate, quando necessário, dos valores cristãos fundamentais desde os primórdios da sociedade. Assim, todos os que perturbam a base de valores e crenças precisam ser combatidos, concepção arriscada, haja vista a imprecisão da determinação da identidade e do comportamento de tais insurretos e o risco do esvaziamento da pluralidade de modos de se conceber e interpretar a vida e o mundo. Esse imaginário apoia-se em “discursos de apelo a erradicação do que poderia representar uma nódoa: discursos fóbicos contra o outro, bárbaro, infiel ou simplesmente outro (mas inferior) que viria destruir uma identidade” (Charaudeau, 2006 apud Moura, 2017, p. 30).

A bancada evangélica se instituiu de uma forma tão poderosa que hoje já não é mais possível desconsiderar sua existência e sua representação parlamentar dentro do cenário político. O perfil de seus representantes é quase sempre o mesmo: em tom raivoso e moralista, esbraveja aos quatro cantos seus códigos religiosos, realiza estratégias políticas e combina seus argumentos e discursos religiosos com termos políticos que garantem suas (re) eleições com legitimidade, exigindo sempre apoio e respeito - não deixando de lado, claro, sua Bíblia embaixo do braço. Segundo a autora Christina Vital da Cunha (2018):

No mundo político/parlamentar, os atores sociais que ganharam mais destaque na mídia e em estudos acadêmicos como produtores e vocalizadores de narrativas discriminatórias, intolerantes e conservadoras foram aqueles organizados na Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional. Evidentemente não só eles produzem e publicizam estes posicionamentos, mas ganharam destaque nacionalmente a partir destes discursos e fizeram disso um fortalecedor de seu capital político perante suas bases (Cunha, 2018).

Para ilustrar sua forte influência nos rumos políticos, vejamos alguns exemplos de leis que tiveram iniciativa da bancada evangélica que se resumem em alguns eixos como família, aborto, armas, educação valorativa etc.:

- Projeto de Lei nº 7.180/2014³³: “inclui entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa”. Autor: Erivelton Santana (PSC/BA);
- Projeto de Lei nº 6583/2013³⁴: procura definir o que pode ser considerado família no Brasil; “dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências”. Autor: Anderson Ferreira (PR/PE);
- Projeto de Lei nº 5069/2013³⁵: tornar crime a indução ou o auxílio do aborto a gestante. “Tipifica como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo e prevê penas específicas para quem induz a gestante à prática de aborto”. Autor: Eduardo Cunha (PMDB/RJ).

Outras pautas e leis também são transitadas dentro das câmaras, como por exemplo, em 2017 na Câmara dos Deputados, conseguiram passar uma emenda que proibia o aborto em qualquer circunstância; em 2019, apoiaram a Reforma da Previdência etc. Algumas delas nem sequer chegam aos fiéis, pois os políticos evangélicos ocultam boa parte dos seus projetos. Como bem diz Christina Vital:

(...) nas pautas das drogas, aborto e LGBT há uma relativa convergência entre o posicionamento dos políticos evangélicos na Câmara Federal e a opinião da maior parte dos evangélicos no Brasil. No entanto, outras pautas defendidas por parlamentares evangélicos no Congresso são ocultadas do grande público, como a defesa da ampliação do uso de armas no Brasil, a diminuição da maior idade penal, a defesa da pena de morte. A defesa da reforma trabalhista que precariza ainda mais a relação capital/trabalho foi defendida pelos evangélicos no Congresso Nacional, o que não surpreende quando consideramos as articulações de grandes líderes denominacionais e quando acessamos o perfil dos parlamentares evangélicos, vários deles empresários (Cunha, 2018).

Podemos então dizer que a bancada evangélica também instrumentaliza a fé? São agentes unicamente partidários ou realmente possuem a intenção de representar a sua comunidade? São políticos que trabalham em favor do bem comum ou possuem interesses totalmente sectários, tendo em vista excluir quem não se enquadra nos seus códigos morais?

³³ Projeto de Lei disponível em <
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722>>.

³⁴ Projeto de Lei disponível em <
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>>.

³⁵ Projeto de Lei disponível em <
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565882>>.

A revista *Ecclésia* sustenta essa ideia ao dizer que “os congressistas ligados ao povo evangélico [...] são submetidos mais às orientações partidárias e aos interesses pessoais do que às igrejas que os elegeram” (*Ecclésia*, 81, set. 2002). Christina também argumenta que:

Em qual medida a religião é de fato aquela a refrear avanços legais? Como isso é exercido, caso a resposta seja positiva? Não seria a religião uma cortina de fumaça que emerge ora como meio de fortalecimento do capital de alguns políticos, ora como elemento de fachada para encobrir interesses econômicos escusos e projetos de poder que, como tais, desconsideram a vida pública, a sociedade como um todo visando ao favorecimento de grupos, instituições e conexões internacionais? (Cunha, 2018).³⁶

Por outro lado, existem diversos nomes evangélicos que fazem oposição ao que chamamos popularmente de bancada e Frente Parlamentar Evangélica. Além disso, são figuras femininas que costumam fazer essa oposição, como por exemplo a senadora Eliziane Gama. Filiada ao Partido Social Democrático (PSD), senadora, evangélica e membra da Assembleia de Deus no Brasil, foi relatora da CPI dos Atos Golpistas neste ano de 2023. Já afirmou, em 2022, que Bolsonaro instrumentalizou a fé para benefício eleitoral³⁷ e defende que os evangélicos não devem votar conforme mandam as lideranças religiosas.

No entanto, não nos resta dúvidas de que a bancada evangélica apoiaria e teria grande influência na vitória de Bolsonaro em 2018. Recheada de homens conservadores, autoritários, com projetos de lei que atrasam as pautas das minorias sociais, feministas e LGBT, ela seria a principal aliada e uma força tamanha para o presidenciável em questão. Segundo Guilherme Esteves (2019):

(...) a instrumentalização, a partir da bancada evangélica e de suas lideranças, de interpretações teológicas e doutrinárias, sobretudo as relacionadas ao modelo tradicional de família e o combate à corrupção, foi fundamental para que o público evangélico se identificasse com a candidatura de Jair Bolsonaro, tornando-se sua principal base social e eleitoral, conferindo a ele quase 70% de intenções de voto (Guilherme, 2019, p. 15).

No próximo capítulo, veremos, na prática, como isso foi feito pelas lideranças transpentecostais que instrumentalizam a fé cristã com interesses totalmente políticos partidários para apoiarem, naquele ano de 2018, o candidato Jair Bolsonaro.

36 Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2018/08/27/religoes-sentimentos-publicos-e-eleicoes-2018>>. Acesso em: abr. de 2023.

37 Fala completa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7deECs13YXc&t=2s>>. Acesso em: nov. de 2023.

4. A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA FÉ NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018

Nas eleições presidenciais de 2018 ficou nítida a presença evangélica fundamentalista³⁸ apoiando o até então candidato Bolsonaro. O presidenciável teve uma crescente intenção de voto entre os evangélicos, que desde agosto de 2018, passava de 26% para 34% entre este segmento³⁹. Por isso, o que vamos expor e analisar neste capítulo é como isso foi feito, quais foram os meios de comunicação, estratégias políticas e religiosas que as igrejas e seus líderes usaram para alavancar tamanha popularidade e tornar Bolsonaro presidente do Brasil.

Vamos nos propor a responder a algumas perguntas como: qual era o contexto do Brasil nas eleições de 2018? Qual o sentimento do povo brasileiro e, especialmente dos evangélicos, sobre a política? Por que os discursos transpentecostais foram tão eficientes para a manipulação de votos? Por que os evangélicos se envolveram tanto a ponto de serem decisivos na vitória do Jair Messias Bolsonaro?

O estado do povo brasileiro, quando Bolsonaro esteve em ascensão, e os principais atores sociais que o apoiaram, de acordo com Rodrigo Nunes (2021), são estes:

Na medida em que a instabilidade política e econômica revelou a existência desse filão, centenas de empresários falidos, roqueiros decadentes, atores fracassados, jornalistas de reputação duvidosa, subcelebridades “ativistas”, traders batalhadores, coaches medíocres, policiais e militares buscando complementar a renda – toda a fauna pitoresca dos agitadores “conservadores”, “patriotas”, “liberais” e “anarcocapitalistas” – encontraram nele a oportunidade de uma nova carreira (Nunes, 2021, p. 1).

Quando Bolsonaro encontra esses indivíduos descontentes e insatisfeitos com a realidade social e moral, aproveita-se e se apropria de símbolos religiosos para oferecer não apenas significados e respostas para esses indivíduos, mas também para garantir a manutenção da ordem, justificar o seu poder divinamente e legitimar construções dominadoras. De acordo com Matheus Gomes (2022),

38 O fundamentalismo é um movimento de pessoas que pregam a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios ou crenças. Neste caso, os evangélicos fundamentalistas aqui seriam uma ala de pessoas que não aceitam outras perspectivas e interpretações que diferem das suas. Nos seus discursos monossêmicos, ou seja, aqueles discursos em que não há espaço para outras interpretações, descartam e consideram como anátemas todos aqueles e aquelas que ousam discordar.

39 TERRA. *Bolsonaro recebe apoio de líderes evangélicos*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-recebe-apoio-de-lideres-evangelicos,8ea7254bdf8ac3a4337c6da63ea249bdcz5vh59w.html>>. Acesso em: 11/07/2023.

As eleições de 2018 no Brasil representam a vitória do primeiro candidato de extrema-direita, saudoso da Ditadura civil-militar no Brasil. Nesse contexto, marcado por uma “guerra cultural”, apologia ao cristianismo, escândalos de corrupção, sentimentos antipartidários (especialmente direcionados ao PT), polarização afetiva e ideológica, crise econômica, baixa confiança nas instituições e partidos políticos, a religião evangélica surge como um dos fatores que competem pela explicação do voto em Bolsonaro, algo que não esteve tão presente nas eleições anteriores. (Gomes, 2022, p. 38)

Fatos históricos mostram que a vitória de Bolsonaro não foi aleatória, os nossos rumos políticos, mais cedo ou mais tarde, iriam desembocar no Bolsonarismo, seja representado pelo próprio Bolsonaro ou por outro qualquer. Porém, a religião é sempre decisiva e não poderia ser diferente em 2018. Segundo Cortês (2021),

Embora frações da classe média e da elite tenham embarcado nesse jogo social a partir de 2013, as modalidades de governo da administração Bolsonaro, e os movimentos civis que a sustentam, se assentam em dispositivos que haviam sido experimentados nas margens há pelo menos três décadas: o pentecostalismo e as milícias (Cortês, 2021, p. 21).

Ao longo de sua campanha e até durante seu mandato, Bolsonaro criou alianças fortíssimas com evangélicos de vários segmentos e denominações: batistas, presbiterianos, metodistas, luteranos e, principalmente, pentecostais. Apesar de se declarar como católico, Bolsonaro, através de sua esposa Michelle Bolsonaro, conseguiu estabelecer relações e receber o apoio de muitas igrejas evangélicas e líderes influentes, como por exemplo, o Bispo Edir Macedo, Silas Malafaia⁴⁰, R.R. Soares, Bispo Rodovalho, Valdemiro Santiago, entre outros. Mas então, a grande questão é: o que levou os evangélicos a apoiarem o Bolsonaro?

Alguns discursos foram essenciais para a popularidade entre os evangélicos, o voto deste segmento não foi necessariamente contra o PT, que em 2018 estava sendo representado pelo Fernando Haddad, mas antes, foi um voto conservador, contra o aborto, contra a liberação das drogas, educação sexual nas escolas, família não tradicional, pautas minoritárias, como LGBTQIAP⁴¹ e contra, claro, à esquerda e tudo aquilo que ela representa.

Alguns traços do perfil do Bolsonaro também precisam ser destacados aqui para entendermos a forte atração que os eleitores evangélicos sentiram por ele e por sua trajetória.

40 Um fato curioso e sugestivo sobre a relação do pastor Silas Malafaia com a família Bolsonaro é que, em 2013, o mesmo conduziu e abençoou o casamento do senhor e da senhora Bolsonaro.

41Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual.

Segundo Magali Cunha, pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), um desses traços é o do mártir salvador, Messias ungido, evocado, por exemplo, no “episódio da facada”. Segundo Clayton Guerreiro (2021):

A cruz de Cristo é substituída pela facada sofrida durante a campanha eleitoral e sua quase morte se torna um tipo de ressurreição: ‘Eu queria falar uma coisa, já que hoje se fala em ressurreição [...]. Eu não morri, mas estive no limite da morte.’ Política, religião e tragédia pessoal se misturam, e a eleição é interpretada como um ‘milagre’ divino (TV Brasil 2020) (Guerreiro, 2021, p. 62).

Outro acontecimento marcante na sua biografia foi o batismo nas águas do Rio Jordão, em Israel, no ano de 2016. O seu batismo foi conduzido pelo pastor e presidente do Partido Social Cristão (PSC) Everaldo, que foi preso em 2020 por fraudes de contratos no Rio de Janeiro.

Segundo Saulo Baptista (2007), os pentecostais possuem uma ideia, dentro e fora do Brasil, de que é possível salvar uma nação, desde que se constitua um messias evangélico para governá-la, apoiado por parlamentares também evangélicos. Por isso, boa parte dos pentecostais buscou um “salvador da pátria” e se sentiram satisfeitos com essa figura carismática. Eles acreditaram que a solução para os problemas do Brasil poderia vir de um presidente que professasse a fé evangélica.

Sabemos que, historicamente, o pentecostalismo sente forte atração por líderes autoritários e conservadores nos seus discursos, haja vista que eles compreendem o cristianismo dentro de suas próprias interpretações e consideram como anátemas todos aqueles que pensam e praticam a religião de uma maneira diferente. Segundo Magali Cunha:

A adesão à extrema-direita promovida por lideranças religiosas gerou um populismo idólatra, com demonização do diferente (esquerdas e religiões de matriz afro) e assédio espiritual contra irmãos de fé, com forte violência. Os crimes praticados por estes líderes precisam ser estudados e denunciados (...) por conta do uso dos púlpitos para campanha eleitoral (Cunha, 2022).⁴²

A recorrente imagem do homem de gestos e costumes simples, que diz o que pensa sem medir consequências, que não tem medo de opositores, não deve nada a ninguém e daquele que manda com “autoridade” é mais uma das características que atraíram os

42 RELIGIÃO E PODER. *Religião e eleições: observações, incertezas e elucidações*. Disponível em: <<https://religioepoder.org.br/artigo/religiao-e-eleicoes-observacoes-incertezas-e-elucidacoes/>>. Acesso em: 10, agosto, 2023.

evangélicos. Outra vez, usamos Magali Cunha como fonte, pois, ela diz que esse discurso do Bolsonaro era e ainda é perigoso,

Porque é um discurso religioso instrumentalizado para defesa de uma ideologia de extrema direita, que retira direitos e privilegia as parcelas privilegiadas da população. O discurso cristão está sendo utilizado particularmente para referendar e angariar adeptos a este princípio ideológico. A ideologia do bolsonarismo alcançou com força as igrejas evangélicas e católicas, porque tocou em primeiro lugar o aspecto histórico das igrejas que é o autoritarismo daquilo que deve ser realizado e defendido. Também alcançou um imaginário que ao longo dos anos, principalmente com a cultura gospel de guerra espiritual, de que é preciso combater os inimigos da fé que estavam fora das igrejas (Cunha, 2022).⁴³

Pedidos de orações e jejuns pelo Brasil em suas várias lives nas mais diversas redes, discursos em que afirmava que o país e o Estado eram cristãos, demonstraram que o Bolsonaro estava comprometido com o povo evangélico, afinal, obviamente, ele sabia que a sua maior base eleitoral eram os evangélicos, principalmente os pentecostais. Segundo Clayton Guerreiro:

(...) também se espalha que nunca um presidente havia proclamado um dia de jejum e oração nacional. Isso parece fazer toda a diferença no imaginário evangélico, apesar de Bolsonaro continuar católico. Até o momento, a narrativa dos seus apoiadores insiste que ele é o ‘escolhido por Deus’ para resgatar a nação brasileira e os valores da família tradicional, o que é reforçado por suas afirmações de que sua esposa e pelo menos dois de seus filhos são evangélicos, tornando-o mais próximo dos evangélicos do que muitos políticos pentecostais. Apesar disso, mais uma vez lembramos: há milhões de evangélicos que se posicionam frontalmente contra Bolsonaro e denunciam sua suposta incoerência com os princípios bíblicos (Guerreiro, 2021, p. 62).

Uma das grandes estratégias que constatamos também é o uso da Bíblia para provar que Bolsonaro seria de fato o escolhido por Deus para presidir o Brasil. Isso se apoia em um fenômeno conhecido como “messianismo político” entre os evangélicos pentecostais: a ideia de que um salvador virá tirar o Brasil das garras e influências malignas, do crime, dos corruptos, das drogas, etc. Segundo Paul Freston:

Em torno dos candidatos evangélicos há líderes e membros da igreja com uma expectativa ‘messiânica’ de que aquele candidato evangélico canalizará automaticamente as bênçãos de Deus sobre o Brasil, resolvendo todos os problemas que nos afligem. Esse messianismo é muito perigoso, para o país e para a Igreja. Ao contrário do que muitas vezes se afirma, a última parte do

⁴³NÓS. ‘Deus acima de tudo’: é pecado não votar no Bolsonaro? Disponível em <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/deus-acima-de-tudo-e-pecado-nao-votar-no-bolsonaro/>>. Acesso em: 23/06/2023.

homem a se converter não é o bolso, é o fascínio pelo poder (Freston, 2006, p. 10-11).

Após sua vitória, em novembro de 2018, Bolsonaro faz uma visita à igreja do pastor Silas Malafaia⁴⁴ e o mesmo usa as seguintes palavras para provar que, de fato, Jair Messias era o escolhido pelo divino:

Deus escolheu as coisas loucas para confundir as sábias. Deus escolheu as coisas fracas para confundir os fortes. Agora a coisa vai ser mais profunda: Deus escolheu as coisas vis, de pouco valor; as desprezíveis, que podem ser descartadas; as que não são, que ninguém dá importância, para confundir as que são, para que nenhuma carne se glorie diante d'Ele. É por isso que Deus te escolheu. (Silas Malafaia)⁴⁵

A figura do Bolsonaro prometia isso para os evangélicos: um país onde o comunismo, esquerdismo, drogas, homossexualidade, corrupção, ideologia de gênero seriam expurgados para longe e o Deus cristão estaria acima de todos, como enfatiza bem o seu jargão que ficou conhecido durante sua campanha e governo: “Brasil de tudo, Deus acima de todos”. Segundo a autora Mariana:

O governo Bolsonaro nunca prometeu entregar um programa político concreto, mas sempre se anunciou como aquele que gere a catástrofe por ele mesmo criada, como se fosse necessário precipitar o fim da história e fabricar uma calamidade ainda maior como pretexto de combate à calamidade que ele pretende dizimar: a suposta degeneração dos valores pela esquerda. A sua pulsão apocalíptica parte da premissa de que a agenda ‘corrupta’ e ‘degenerada’ da Nova República deve ser passada a limpo em nome de um empreendimento ousado o suficiente para realizar apenas o que os ‘fortes’ são capazes: romper com as organizações democráticas por meio de uma catarse purificadora e redentora – ‘ir contra tudo que isso que está aí’, como o presidente sempre diz em seu discurso grandiloquente e vazio (Mariana, 2021, p. 21).

Além do mais, Bolsonaro estava repleto de evangélicos ao seu redor, o que só reafirmava o seu compromisso com este segmento religioso. Vejamos alguns exemplos de nomes e personagens que estavam na esteira política e religiosa juntamente com o Jair, segundo Alexandre Brasil:

⁴⁴ Silas Malafaia lidera a denominação Vitória em Cristo com mais de 35 mil membros, presente em 10 estados brasileiros e em Portugal. Possui um programa televisivo que cativa o público evangélico há várias décadas. Influente nas mídias sociais, possui 4 milhões de seguidores no *Instagram*; 1.501.703 seguidores no *Twitter* e 1,7 mi de inscritos no *YouTube*.

⁴⁵ YOUTUBE. *Pastor Silas Malafaia - Bolsonaro ao vivo na igreja que sou pastor*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=E4E58Wz0XHQ>>. Acesso: 23/06/2023.

O principal articulador político de Bolsonaro e futuro Ministro da Casa Civil, o deputado Onyx Lorenzoni (DEM-RS), é membro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e na internet é possível encontrar fotos de reuniões em que ele presta contas de seu mandato à Diretoria da denominação. Também há o Procurador da Fazenda e pastor da Igreja Cidade Viva Sérgio Queiroz, sua comunidade tem origem na Primeira Igreja Batista de João Pessoa e tem perfil de classe média e alta, possuindo Queiroz doutorado em teologia. O outro evangélico é Pablo Tatim, advogado que é membro da Diretoria e procurador da Igreja Assembleia de Deus Ministério da Restauração. Tatim foi chefe de gabinete do Ministro do Trabalho Ronaldo Nogueira, de quem era assessor parlamentar em seu mandato como deputado federal pelo RS. Atualmente desempenha o papel de Secretário Executivo do Ministério da Secretaria-Geral da Presidência, pasta que tem o deputado federal pelo DF Ronaldo Fonseca à frente. Além da relação com Tatim, tanto Nogueira como Fonseca têm em comum o fato de serem pastores da Assembleia de Deus e de não terem sido reeleitos (Alexandre, 2018).

Alguns episódios também nos mostram e sustentam que Bolsonaro estava realmente disposto a agradar os cristãos de uma maneira geral. A maioria de suas falas e participações em eventos evidenciava que ele sabia que os evangélicos eram um público favorável para sua vitória e que, através deles, ele possuía a chance de se tornar vitorioso. O autor André Luiz Pereira Spinieli (2021) nos dá alguns exemplos:

Durante o mês de maio, o Governo Federal brasileiro chegou a patrocinar um ato religioso de natureza puramente cristã e católica no âmbito do Planalto, ocasião em que Bolsonaro participou do ato de consagração do Brasil ao Imaculado Coração de Maria 40 (TUNES, 2019, online). Em junho, Bolsonaro se tornou o primeiro presidente brasileiro na história a participar da Marcha para Jesus, que reúne evangélicos (PINHONI; FIGUEIREDO, 2019, online). No mês de julho, Bolsonaro afirmou que indicaria ministro "terrivelmente evangélico" para vaga no STF, ocasião em que participou de culto evangélico na Câmara dos Deputados (CALGARO; MAZUI, 2019, online) (Spinieli, 2021 p. 39-40).

Todos esses fatos em sua biografia só reforçam a fama e popularidade que Bolsonaro conseguiu entre os evangélicos. Hoje, podemos dizer, sim, que o eleitorado evangélico pode mudar os rumos de uma eleição e de que ele foi, de fato, o grande guindaste para a vitória do presidencialismo em questão em 2018. Segundo os autores Junior e Neris:

Nas recentes eleições (2018) houve um movimento muito forte dos segmentos evangélicos, especialmente dos pentecostais e neopentecostais, no sentido de realimentar suas expectativas de ações no campo político. Tanto é que grande parte dos especialistas tem atribuído ao segmento evangélico o papel de fiel da balança, responsável pela eleição do candidato à presidência Jair Bolsonaro, bem como de seus representantes nas câmaras estaduais e federais (Junior, Neris, 2019, p.03).

Partiremos agora para algumas demonstrações de como isso aconteceu dentro dos templos e de como alguns líderes, sejam eles de segmento pentecostal ou transpentecostal, instrumentalizaram a fé cristã para coagir ou persuadir seus fiéis a voltarem em Bolsonaro nas eleições de 2018.

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, uma das fortes aliadas de Bolsonaro, foi fundada em 1992 pelo Bispo Robson Rodovalho e sua esposa Bispa Maria Lúcia Rodovalho, após uma separação com a Comunidade de Goiânia. Tendo como base a Teologia da Prosperidade e a doutrina transpentecostal, ela também se entranhou na esteira da instrumentalização em prol de Bolsonaro.

"Há uma unanimidade de que o Bolsonaro foi o único que empunhou a bandeira da vida, da família, da igreja, da livre economia, da escola sem partido e contra a ideologia de gênero", afirmou o bispo Robson Rodovalho, líder da Sara Nossa Terra, que emitiu nota pela Confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil. "Achamos que deveríamos manifestar esse apoio antes do primeiro turno, a tempo de influenciar nossa sociedade⁴⁶."



Figura 02: Bolsonaro com o líder da igreja Sara Nossa Terra, Robson Rodovalho. Divulgação/ Sara Nossa Terra.⁴⁷

46 ESTADÃO CONTEÚDO. *Bolsonaro recebe apoio de líderes evangélicos*. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/01/interna_politica.993227/bolsonaro-recebe-apoio-de-lideres-evangelicos.shtml>. Acesso em: 22/06/2023.

47 Imagem disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/17/interna_politica.1277857/governo-federal-repassou-r-527-mil-para-igreja-evangelica-diz-cpi.shtml>. Acesso em: 04 out. 2023.

Além do apoio do Bispo Robson ao Bolsonaro, desde o ano de 2018, a igreja Sara Nossa Terra recebia cerca de 3,7 milhões de reais para a divulgação das ações do governo. A TV Gênesis, emissora oficial da igreja, foi a campeã que mais recebeu verba pública para a divulgação e propagandas.⁴⁸

Outra figura é o pastor Claudio Duarte, uma figura cômica, diga-se de passagem, pois usa do humor para atrair membros para sua igreja. Líder de uma igreja local e independente chamada Projeto Recomeçar, ele divulgou em suas redes sociais um vídeo declarando apoio ao Bolsonaro⁴⁹. Em suas palavras:

Eu sou contra a homofobia, o racismo, o feminicídio, a violência doméstica, a erotização das crianças, uma arma estar na mão de qualquer louco. E não tenho tempo para falar dos defeitos dos outros candidatos porque o meu tem muitas qualidades. Eu sou Jair Bolsonaro! (...) Então é melhor você “Jair” se acostumando, porque eu já estou decidido a votar em Jair Bolsonaro.

O pastor teve participações em eventos junto com o Bolsonaro como, por exemplo, em culto realizado na Câmara dos Deputados, onde teve a oportunidade de levar uma palavra de Deus, cantar o hino nacional, como mostrado na imagem 03, e, até, ceiar juntamente com o seu presidente e com outros nomes da bancada evangélica.

48 VEJA. *Igreja evangélica recebe R\$ 3,7 milhões em propaganda do governo Bolsonaro*. Disponível em < <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/igreja-evangelica-recebe-r-37-milhoes-em-propaganda-do-governo-bolsonaro>>. Acesso em 22/06/2023.

49 PLENO.NEWS. *Claudio Duarte declara voto: “Melhor Jair se acostumando”*. Disponível em < <https://pleno.news/brasil/eleicoes-2018/claudio-duarte-declara-voto-melhor-jair-se-acostumando.html>>. Acesso em 22/06/2023.



Figura 03: Pastor Claudio Duarte ao lado do presidente Bolsonaro durante um culto realizado na Câmara dos Deputados organizado pela FPE. Foto: Cristiano Mariz/O Globo.⁵⁰

Outro pastor bastante influente é o Valdemiro Santiago, um dos líderes religiosos mais populares no Brasil. Segundo ele, tornou-se apóstolo de Jesus após um naufrágio na África em 1996, em que se joga no mar e nada mais de oito horas até chegar são e salvo na areia, escapando da fome e dos tubarões⁵¹. Líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada em 1998, Santiago também declarou apoio a Bolsonaro em 2018 como podemos ver na imagem 03 em que Bolsonaro está com uma bíblia aberta na mão e com o mesmo chapéu de Valdemiro, que é uma marca registrada do pastor.

Em uma de suas falas, refere-se diretamente aos nordestinos - região em que Bolsonaro foi derrotado por Haddad no primeiro turno - e ataca os governos do PT:

Se os nordestinos construíram a maior cidade do país, também podem construir um país melhor. (...) Mais de dez anos o mesmo governo e mudou o quê? Mudou sim, perdemos na Saúde, na Segurança, na Educação, sem contar na liberdade religiosa que está ameaçada (Valdemiro Santiago).⁵²

50 Imagem disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/08/bolsonaro-participa-de-culto-da-bancada-evangelica-na-camara.ghtml>>. Acesso em: 04 out. 2023.

51 Toda liderança carismática precisa ter de um mito fundante que remonte à sua trajetória e o seu sucesso para conseguir o posto de enviado ou escolhido por Deus.

52 JM NOTÍCIA. *Valdemiro Santiago pede aos nordestinos que apoiem Bolsonaro*. Disponível em:

<<https://jmnoticia.com.br/valdemiro-santiago-pede-aos-nordestinos-que-apoiem-bolsonaro/>>.

Acesso em

01/07/2023.

Aqui vemos um exemplo de tentativa de ludibriar não só fiéis, mas também cidadãos de determinadas regiões, usando a pobreza e a escassez como uma justificativa viável para tirar o PT do jogo político. Isso é uma característica muito forte de lideranças carismáticas: conhecendo as vulnerabilidades de seu rebanho, apelam sempre para as emoções ou condições sociais de sua membresia.



Figura 04: Pastor Valdemiro Santiago ao lado de Jair Bolsonaro - Foto: Marcos Corrêa/ PR.⁵³

Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como o missionário R.R. Soares, líder e fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, foi um dos pioneiros do movimento de pastores televangelistas, tendo a igreja, diariamente, programas na TV aberta e 3 mil templos espalhados pelo Brasil afora. Ele apoiou Bolsonaro nas eleições de 2018 - sendo a primeira vez na história em que o R.R. Soares declara apoio a algum candidato presidencial.

No dia 06 de outubro de 2018, na página Direita Cristã, R.R. Soares declara seu apoio direto a Bolsonaro, com seu tom sereno e macio, e diz que o principal motivo para apoiá-lo é em relação à ideologia de gênero:

Meus amigos, nessa eleição eu vou me posicionar - coisa que eu não fiz nunca. E perguntam de todo lado: 'Missionário, em quem você vai votar?'. Eu vou votar no Bolsonaro, eu examinei os projetos, eu achei o dele o melhor, principalmente no caso da ideologia de gênero. Estão tentando convencer meninos que podem ser meninas ou meninas que podem ser meninos. Isso é uma loucura! A natureza já reservou, por ordem de Deus, quem é que será. Eu examinei todas as propostas e encontrei a dele a mais coerente com aquela que eu creio, que eu acho que é melhor pra nação.

53 Imagem

disponível

em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/05/com-chapeu-de-vaqueiro-e-fechado-com-bolsonaro-pastor-valdemiro-santiago-explora-milagres-e-arrasta-multidoes.ghtml>>. Acesso em: 04 out. 2023.

Então agora no domingo eu vou bater 17. Nós somos cidadãos, devemos manifestar e dia 07 é o dia da nossa vitória. Muito obrigado! (R.R. Soares).⁵⁴



Figura 05: R.R Soares cumprimentando Bolsonaro. Crédito: Carolina Antunes/PR.⁵⁵

O Bispo Edir Macedo, uma figura emblemática e precursor do Transpentecostalismo no Brasil, foi uma das peças-chave para a campanha em prol de Bolsonaro. Líder da maior igreja transpentecostal e mais influente eleitoralmente do país, a Igreja Universal do Reino de Deus.

No dia 28 de setembro de 2018, Macedo declarou, oficialmente, seu apoio a Bolsonaro em suas redes sociais. Ao ser questionado, por um fiel, através de um comentário no *Facebook* sobre quem ele apoiaria nas eleições, ele responde objetivamente: “*Bolsonaro*”.⁵⁶ Em seguida, a mesma pessoa que questionou ao Bispo Macedo em quem ele votaria, responde-o novamente dizendo:

Seria interessante se o sr. e a cúpula da igreja viesse a público para exteriorizar este pensamento. Eu sou a Universal e também estou com

54 GOSPEL. *Valdemiro Santiago e R.R. Soares engrossam coro de apoio a Jair Bolsonaro*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/valdemiro-r-r-soares-engrossam-apoio-bolsonaro-103308.html>>. Acesso em 01/07/2023.

55 Imagem disponível em: <<https://istoedinheiro.com.br/religiosos-que-apoiaram-bolsonaro-em-2018-agora-indicam-afastamento/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

56 PODER 360. *Líder da Universal e dono da TV Record, Edir Macedo declara apoio ao Bolsonaro*. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/lider-da-universal-e-dono-da-tv-record-edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro/>>. Acesso em: 25/07/2023.

Bolsonaro só que muitos de nossos membros ainda estão indecisos e uma palavra sua ajudaria muita gente a se decidir.⁵⁷

No dia 04 de outubro de 2018, a *Tv Record*, emissora de televisão do Bispo Macedo, transmitiu, por meia hora, uma entrevista exclusiva com Bolsonaro em sua casa, que estava se recuperando das facadas que levou no dia 06 de setembro de 2018. A entrevista foi ao ar no mesmo dia em que estava acontecendo o último debate, antes do 1º turno, entre os presidentiáveis na *Rede Globo*. Por causa dessa entrevista, Bolsonaro cresceu nas pesquisas durante uma semana e recebeu vários apoios importantes⁵⁸.



Figura 06: Edir Macedo ungindo a cabeça de Bolsonaro. Reprodução: Portal Universal. Publicada em 01/09/2019.⁵⁹

Silas Malafaia, líder e fundador da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, foi, de longe, um dos líderes religiosos que mais apoiaram Bolsonaro com unhas e dentes. Escudeiro

57 VEJA. *Bispo Edir Macedo diz no Facebook que apoia Bolsonaro*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bispo-edir-macedo-diz-no-facebook-que-apoia-bolsonaro>>. Acesso em: 25/07/2023.

58 EL PAÍS. *A benção de Edir Macedo para Jar Bolsonaro na TV*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/05/politica/1538709789_434443.html>. Acesso em 25/07/2023.

59 Imagem disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/alianca-de-edir-macedo-com-bolsonaro-envolve-presidencia-da-camara-cargos-no-governo-e-perdao-de-dividas-as-igrejas/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

fiel de Bolsonaro, em suas redes sociais, publicava vídeos constantemente atacando a oposição e conclamando os evangélicos a apoiarem Jair, pois, segundo ele, assim era a vontade de Deus.

Em 2016, Malafaia já dava pistas de que apoiaria Bolsonaro, caso ele se tornasse candidato à presidência. Diz ele:

Sabe qual é a questão? Estão com medo de Bolsonaro, porque o cara é limpo. Não tem uma acusação de corrupção contra o cara. Querem travar o cara. Eu to começando a acreditar que estão com medo que Bolsonaro ganhe a eleição em 2018 (Silas Malafaia, 2016).⁶⁰

Em 13 de outubro de 2018, em um tuíte, ele diz:

FAKE NEWS DA FOLHA 2 > Não existe núcleo evangélico na campanha de Bolsonaro, o que existe, a muito tempo, são afinidades ideológicas muito antes da campanha. Combatemos juntos a questão do aborto, ideologia de gênero, casamento gay e a famigerada pl 122, entre outros (Silas Malafaia, 2018).

O discurso de Silas Malafaia e de outros líderes religiosos é baseado numa Retórica de Ódio⁶¹, um método bastante utilizado, inclusive, pelo teórico Olavo de Carvalho⁶². Essa retórica baseia-se, principalmente, numa guerra ideológica e cultural fomentada no “nós, contra eles”. Segundo a autora Stella Garrido:

Silas Malafaia é um pastor que no campo religioso evangélico se destaca e tem uma abertura com outras denominações, então quando fala, usa de sua credibilidade e legitimidade religiosa. Sua articulação dentro de um campo reflete no outro, a religião influenciando na política. Usando uma linguagem incisiva e acusatória, Malafaia utiliza a religião para justificar suas escolhas políticas, apoiando a direita que abraçou a eleição de Bolsonaro e estigmatizando a esquerda, não politicamente, mas religiosamente como algo danoso e maléfico (Stella, 2021, p. 13).

60 GOSPEL. *Pastor Silas Malafaia contrapõe acusações contra Jair Bolsonaro: “O cara é limpo”*. Disponível em <<https://noticias.gospelmais.com.br/malafaia-contrapoe-acusacoes-contra-jair-bolsonaro-83876.html>>. Acesso em: 02/07/2023.

61 “*Guerra Cultural e Retórica do ódio*” é um ensaio escrito por João Cezar de Castro Rocha. O autor analisa o discurso de ódio do bolsonarismo que elimina, simbolicamente, todo aquele que não repete as lições da seita.

62 Olavo de Carvalho (1947-2022) foi um ensaísta e jornalista considerado um importante representante intelectual do conservadorismo e com muita influência na extrema-direita brasileira. Na campanha para Bolsonaro, ele foi muito importante e até considerado um verdadeiro guru. Sem dúvidas, influenciou diretamente na vitória do presidente eleito em 2018.

Silas Malafaia, com toda a sua popularidade e influência no campo evangélico, se apropriou disso para, na véspera da votação do 1º turno em 2018, realizar um culto em sua igreja só para homens e impulsionou os fiéis a serem mais engajados na política. Na figura 06 temos uma típica imagem do pastor Silas ao lado de Bolsonaro, que já habituado ao púlpito da igreja de seu apoiador, possui livre entrada pelos arredores da congregação. Em uma de suas passagens na igreja, o pastor Silas Malafaia diz o seguinte:

A igreja evangélica brasileira está intercedendo. Nós temos que estar na cultura, na política, na educação, nas artes, nas ciências, no Legislativo, no Executivo, no Judiciário. Nós temos uma arma poderosa que ninguém tem: o poder da oração.⁶³



Figura 07: Bolsonaro com o pastor Silas Malafaia em ato de campanha em 15 de setembro. Foto: EPA / Ansa - Brasil.⁶⁴

Outro pastor e, atualmente, ex-deputado (PSC/PR), chamado Hidekazu Takayama, foi uma figura importantíssima nas eleições presidenciais de 2018, pois, à época, presidia a

63 UOL. Malafaia ataca mídia, fala de eleição e culto distribui cola com Bolsonaro. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/pro-bolsonaro-malafaia-ataca-midia-e-fala-de-eleicao-em-culto-para-homens.htm>>. Acesso em: 10, agosto, 2023.

64 Imagem disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-leva-pastor-silas-malafaia-a-velorio-de-rainha_2c7c81add3feff69307a83fa64702ae9ydn6ame.html>. Acesso em 04 out. 2023.

Frente Parlamentar Evangélica e foi um dos principais articuladores do meio evangélico da vitória de Jair Bolsonaro.

Duas semanas antes das votações do primeiro turno, em 2018, Takayama postou um vídeo declarando apoio da FPE⁶⁵ a Bolsonaro e convocou o povo evangélico a fazer o mesmo. Para Takayama, o apoio dos evangélicos a Bolsonaro era uma “tendência natural”, já que o presidente apoiava os “valores cristãos e da família”⁶⁶. Em encontro com Bolsonaro, ele mais uma vez reafirma o apoio e declara:

Ele sabe que o apoiamos e também do nosso desejo em ver um Brasil mais unido e mais cristão! Como presidente da Frente, agradeço pela acolhida e reforço o nosso compromisso em lutar pelas pautas cristãs (Hidekazu).⁶⁷

Na imagem 07 temos Bolsonaro junto com a bancada evangélica que, em 2018, era liderada pelo pastor Takayama, este à direita de Bolsonaro que está com a palavra e gesticulando com as mãos na imagem abaixo. Nesta reunião se reuniram os principais nomes da FPE, que aclamavam o novo presidente e renovavam o apoio a Bolsonaro.



Figura 08: Takayama em reunião com Bolsonaro. Foto: Rafael Carvalho/Governo de Transição/Ag.Brasil. Publicada em 28/11/2018.⁶⁸

⁶⁵Em 2018, a FPE estava formada por 182 integrantes em exercício.

⁶⁶ ESTADO DE MINAS. POLÍTICA. *É ‘tendência natural’ bancada evangélica na Câmara apoiar Bolsonaro, diz líder.* Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/03/interna_politica.993927/e-tendencia-natural-bancada-evangelica-na-camara-apoiar-bolsonaro-d.shtml>. Acesso em: 02/07/2023.

⁶⁷JORNAL AGORA PARANÁ. *Takayama reafirma apoio da Frente Parlamentar Evangélica à Bolsonaro.* Disponível em: <<https://www.agoraparana.com.br/oswaldo-eustaquio/takayama-reafirma-apoio-da-frente-parlamentar-evangelica-a-bolsonaro/>>. Acesso em: 02/07/2023.

André Valadão, que tem se mostrado contrário à comunidade LGBTQIA+⁶⁹, também foi peça fundamental no jogo político e instrumentalizador para eleger Bolsonaro. Filho de pastores, é também pastor e cantor da Igreja Batista da Lagoinha⁷⁰ - uma das igrejas que recebeu Bolsonaro de braços abertos em seus púlpitos.

Em 2018, em Orlando, Estados Unidos, o artista gospel recomendou a seus fiéis que votassem em Bolsonaro e declara o seu voto em favor a ele diante de todos. Segundo ele, o seu apoio ao candidato, na época, servia para dar um “choque” na questão da violência e corrupção e ainda acrescenta que o até então deputado era a “cara do momento”⁷¹.

Em posts no *Facebook*⁷², ele declara mais uma vez o apoio a Bolsonaro, influenciando assim milhares de fiéis a seguirem o mesmo caminho. Em vídeo compartilhado no seu próprio canal do *YouTube*, Bolsonaro compartilha um vídeo do pastor Valadão com alguns argumentos para apoiá-lo:

(...) um cara que defende a família, um cara que quer proteger nossas crianças, um cara que teme a Deus e é um cristão, um cara que quer devolver poder pra polícia e pro exército, pra poder cuidar da marginalização do país, um cara que quer trazer pra nossas escolas um formato mais disciplinar de autoridade (...).⁷³

Toda a família Valadão e seu patrimônio, que é a igreja da Lagoinha, tiveram uma forte relação com o governo Bolsonaro. O púlpito da igreja já foi até palanque para a ex-ministra Damares Alves dizer que tinha chegado o tempo de a igreja governar.

68 Imagem disponível em: <<https://www.agoraparana.com.br/oswaldo-eustaquio/takayama-reafirma-apoio-da-frente-parlamentar-evangelica-a-bolsonaro/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

69 No púlpito de sua igreja, o pastor condena os homossexuais e declara que se Deus pudesse, mataria todos.

70 Nas eleições presidenciais de 2022, a *Rede Super*, emissora de televisão que pertence à igreja, recebeu R\$ 756 mil por campanhas de comunicação pagas durante o governo Bolsonaro. Disponível em: <<https://apublica.org/2022/10/em-ano-eleitoral-tv-do-pastor-andre-valadao-recebeu-r-217-mil-do-governo/>>. Acesso em: 19/07/2023.

71 GOSPEL. *André Valadão declara voto em Jair Bolsonaro e diz que PT e PSDB foram “ilusão”*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/andre-valadao-declara-voto-jair-bolsonaro-100884.html>>. Acesso em: 19/07/2023.

72 Disponível em: <<https://m.facebook.com/andrevaladaoofficial/posts/2141313239265502/>>. Acesso em: 19/07/2023.

73 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=92V0wKqdrLE&t=157>>. Acesso em: 19/07/2023.



Figura 09: Jair Bolsonaro e André Valadão em Orlando. Junho de 2022. Imagem: Alan Santos/PR.⁷⁴

Por fim, a igreja Batista Atitude, igreja em que a ex-primeira dama é membra, também possuiu um papel fundamental. O pastor Josué, líder da igreja, já recebeu condecorações do Bolsonaro e até já foi visto dentro de aviões presidenciais sendo levado para ministrar cultos no Palácio do Planalto a pedido de Michelle Bolsonaro. A igreja também foi alvo de quatro denúncias de propaganda eleitoral irregular em 2018, pois, além de outras coisas, na porta do templo era entregado santinhos aos fiéis, como mostrado na figura 11.

A igreja Atitude, recebeu Bolsonaro e sua esposa diversas vezes para o abençoar e o pastor chegou até realizar chamada de vídeo com o ex-presidente no púlpito para orar pela sua vida, como mostrado na figura 09. Persuadia seus fiéis a votarem no Bolsonaro e anunciava jejuns de 12 horas em prol da nação⁷⁵. Porém, tudo isso foi passado despercebido e não se teve nenhuma penalidade quanto a isso, pois como diz a jornalista Mariama Correia (2022): “Como a lei não prevê a infração de abuso de poder religioso (...) essas práticas ficam em uma

⁷⁴ Imagem disponível em: <https://www.fuxicogospel.com.br/2023/02/por-que-bolsonaro-esta-ignorando-andre-valadao.html>. Acesso em: 04 out. 2023.

⁷⁵ Essas e outras informações estão disponíveis em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/misericordia/>. Acesso em: 12 de agosto, 2023.

espécie de limbo jurídico, sendo classificadas pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) como abuso de poder econômico ou jurídico.”⁷⁶



Figura 10: Bolsonaro participa de culto através de chamada de vídeo e é abençoado pelo pastor Josué da igreja Batista Atitude. Reprodução: *Facebook*.⁷⁷



Figura 11: Distribuição de santinhos na entrada do templo da igreja Batista Atitude. Mariama Correia/Agência Pública.⁷⁸

76 PÚBLICA. *Culto na igreja de Michelle Bolsonaro tem distribuição de santinho e oração por candidato*. Disponível em: <https://apublica.org/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato/>>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

77 Imagem disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/politica/eleicoes-2022/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

Citamos apenas exemplos de pastores pentecostais, porém, pastores tradicionais também estiveram alinhados com Bolsonaro. Por exemplo, a Igreja Presbiteriana do Brasil, em 2022, tentou criar uma comissão interna para definir regras aos seus pastores. O grande plano era orientar seus fiéis a se afastarem do comunismo e do pensamento de esquerda e fazer uma pressão aos cristãos mais críticos de que eles não seriam mais bem-vindos às igrejas presbiterianas caso votassem no presidente Lula.

Há outros diversos pastores que poderíamos citar aqui como o pastor Anderson Silva, Osni Ferreira, Augustus Nicodemus, Hernandes Dias Lopes, entre outros. Tanto pentecostais, quanto pastores tradicionais estiveram na mesma esteira, apoiando, influenciando, persuadindo e instrumentalizando a fé cristã nas eleições presidenciais de 2018.

4.1 O culto continua com a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro



Figura 12: Michelle Bolsonaro em um evento com pastores evangélicos em 2022.⁷⁹

Michelle Bolsonaro teve um papel imprescindível nas eleições de 2018, mas é na campanha de 2022 que ela ganha destaque e notoriedade surpreendentes. Com seu porte de

78 Foto disponível em: <<https://apublica.org/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato/>>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

79 Imagem disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1747146050218180-michelle-bolsonaro-vai-a-evento-evangelico-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

mulher simples, do lar, dos bons costumes, ela consegue influenciar, principalmente, as mulheres evangélicas, pois ela representa a mulher de Provérbios⁸⁰. A sua imagem tímida e discreta de mulher sábia e as suas falas em defesa dos direitos dos surdos, que teve durante as campanhas de 2018 e 2022, repercutiu positivamente na fama do seu marido.



Figura 13: Publicação de Júnior Tércio e Clarissa Tércio no *Instagram*.

No entanto, em 2022, ela se porta totalmente diferente. É ela que está com o microfone nos púlpitos levantando sua voz; é ela que esbraveja autoridade e sabedoria vindas do céu; é ela que está nas marchas para Jesus e caravanas arrastando outras centenas de mulheres, se tornando pedra fundamental para a campanha do seu marido naquele ano.

80 Provérbios é um livro da Bíblia cristã escrito pelo rei Salomão em que se encontram diversas descrições do que poderia ser a mulher ideal.

Evangélica, sai pelo Brasil afora propagando a mensagem do Messias, ou melhor, do seu esposo Jair Messias. Segundo o *El País*⁸¹:

Como evangélica, Michelle Bolsonaro teve um papel fundamental na aproximação do marido —Jair Bolsonaro é católico— com sua religião. Começou a levá-lo como acompanhante em alguns cultos que frequentava desde o início do relacionamento, há 11 anos. Ali, Bolsonaro encontrou espaço para ampliar a pauta conservadora que defende, como por exemplo sua posição contra o aborto e o casamento entre homossexuais.

Sendo membra da igreja Batista Atitude, na Barra da Tijuca, onde atua como intérprete de Libras, nas campanhas para o seu marido, Michelle Bolsonaro tinha a comunicação mais ampla com os seus irmãos na fé. Na campanha presidencial, em meados de 2022, ela participou de diversos eventos cristãos prometendo “Jesus no governo” do seu marido. Diz ela na Marcha Para Jesus, em 13 de agosto de 2022: “Nós vamos sim trazer a presença do Senhor Jesus para o governo. E vamos declarar que essa nação pertence ao Senhor”.

Em 2022, ela percorre pelo Brasil, juntamente com Damares⁸² e outras deputadas, em uma caravana intitulada “Mulheres com Bolsonaro”, apostando incisivamente na reeleição do seu marido. Em seus discursos, a ênfase era sempre na guerra espiritual entre o bem e o mal, chegando a ser comparada com a rainha bíblica Ester pela sua postura bíblica de mulher virtuosa que, juntamente com sua estética e comportamento, arrastava centenas de outras mulheres para o mesmo exemplo.

A instrumentalização da fé, o pânico moral, discussões sobre o aborto e ideologia de gênero juntamente com castigos divinos para quem, porventura, desobedecesse as leis divinas, também reproduzidos por Michelle e Damares, tiveram repercussões em muitas mulheres que se sentiram coagidas, principalmente em suas igrejas, de votarem no Bolsonaro. É inegável a influência dessas duas mulheres nas campanhas de 2018 e 2022. Em outubro de 2022, no púlpito da igreja Vitória em Cristo, ela diz que os fiéis não deveriam olhar para o marido e sim para ela:

“Não olhe para o meu marido, olhe para mim. Olhe para mim que sou uma serva do Senhor, que dobra os meus joelhos e tenho entendimento do mundo

81 EL PAÍS. *Michelle Bolsonaro, uma discreta primeira-dama evangélica*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/28/politica/1540760471_920767.html>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

82 Damares Alves foi ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019- 2022) e atualmente Senadora pelo Distrito Federal.

espiritual. Ele é tão falho como eu e você porque perfeito é só Jesus e Jesus não agradou a todos.”⁸³

Michelle, mais do que esposa de Bolsonaro, servia ali como um apoio fundamental, passando credibilidade para o seu marido e dignificando a sua imagem, que não era tão bem quista pelas mulheres⁸⁴. Michelle garantia, para os eleitores em dúvida, uma boa liderança do seu marido para governar o país, tinha a missão de limpar e desconstruir a sua imagem de homem bruto, insensato, impulsivo e, muitas vezes, preconceituoso.

No dia 24 de julho de 2022, durante o lançamento da chapa Bolsonaro-Braga Netto, Michelle discursou por 12 minutos usando uma linguagem totalmente cristã, citando versículos bíblicos e sendo ovacionada a todo momento pelos seguidores do seu marido. Ela diz que o Brasil é do Senhor e que o seu marido era um escolhido por Deus:

(...) Deus ama essa nação. Nós aprendemos a interceder por ela. Nós aprendemos a amar o nosso Brasil. Com a campanha dele, foi resgatado o patriotismo, essa chama foi acendida. Hoje nós temos orgulho de dizermos que nós somos brasileiros. Uma terra santa, uma terra escolhida por Deus. E Deus tem promessas para o Brasil. E todas as promessas irão se cumprir. Enquanto existir esse joelhinho aqui, as promessas de Deus irão se cumprir. (...) Gente, eu tenho falando de Deus porque ele é o nosso pilar e sem ele não somos nada. (...) Eu sempre oro, toda terça-feira no gabinete dele, quando ele vai embora, quando o Planalto se fecha. Eu entro com meus intercessores e eu oro na cadeira dele. E eu declaro todos os dias: “Jair Messias Bolsonaro, sê forte e corajoso! Não temas! Não temas!” Ele é um escolhido de Deus! (...) Não é fácil estar do outro lado. A reeleição não é por um projeto de poder, como muitos pensam. Não é por status, porque é muito difícil estar desse lado. A reeleição é por um propósito de libertação, é por um propósito de cura para o nosso Brasil. Nós declaramos que o Brasil é do Senhor!⁸⁵

Michelle Bolsonaro também usou as igrejas evangélicas como o seu único refúgio, pois toda a sua agenda no 2º turno das eleições de 2022 foi em igrejas evangélicas, usando terrorismo moral e acusando o PT de ser inimigo número um das igrejas, das famílias, das crianças. Ela não conseguiu produzir discussões sérias sobre políticas públicas, sobre o bem social, sobre melhorias, pois todas as suas pautas se reduziram aos discursos conservadores e

83 YOUTUBE. *Michelle Bolsonaro em culto: ‘Não olhe para o meu marido, olhe para mim que sou serva do Senhor’*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hRgy6ro6FV0&t=1s>>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

84 Segundo a pesquisa *PoderData*, realizada de 17 a 19 de julho, 46% das eleitoras declararam voto em Lula (PT) no 1º turno. Já Bolsonaro, 32%. Disponível em: <[85 YOUTUBE. *Michelle chama candidatura de Bolsonaro de “projeto de libertação”*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i-7sO17absY&t=469s>>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.](https://www.poder360.com.br/analise/voto-feminino-puxa-bolsonaro-para-baixo/#:~:text=A%20pesquisa%20PoderData%20foi%20realizada,de%20instru%C3%A7%C3%A3o%2C%20re gi%C3%A3o%20e%20renda.>>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.</p></div><div data-bbox=)

religiosos. Usando a fé cristã para fins políticos, ela pode ser a melhor pessoa, depois do seu marido, para dar continuidade ao culto.

Conforme foi visto no capítulo que abre esta pesquisa, trouxemos alguns teóricos clássicos que, através de suas teorias, poderiam explicar o fenômeno que analisamos até agora. Segundo Pierre Bourdieu, por exemplo, a religião poderia ser tornar uma forma de coerção, alienação, quando esta estivesse em constante disputa de dominação, como outras esferas da sociedade também. Diante disso, poderíamos dizer que nas eleições presidenciais de 2018 houve essa coerção por parte das lideranças para conseguirem benefícios eleitorais através dos votos de seus membros? Sim, poderíamos fazer essa afirmação com base no que foi visto até agora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, trouxemos diversas discussões acerca da relação entre religião e política, principalmente no Brasil, para embasar o nosso trabalho. Isso se fez necessário porque, entendendo os primórdios dessa relação e como ela é construída, podemos entender o que acontece hoje na nossa política, tendo a religião como sua influenciadora direta.

No segundo capítulo, vimos como o Transpentecostalismo se construiu, a sua entrada na política brasileira e de como as igrejas desse segmento podem ser fortes o suficiente para definir eleições. É por isso que não devemos subestimá-las porque, embora os evangélicos sejam minorias em termos proporcionais, eles são uma minoria com pretensões de maioria, já ocupando diversos espaços de poder.

E é também por causa de seus representantes, juntamente com suas pautas e leis totalmente conservadoras, que acompanhamos diversos atrasos e retrocessos nas políticas públicas e direitos para as minorias do nosso país, principalmente com as igrejas IURD e as Assembleias de Deus que possuem os maiores índices de influência política por suas grandes proporções e crescimento dentro da sociedade.

No último capítulo, analisamos algumas narrativas e discursos que impulsionaram a popularidade de Bolsonaro entre os evangélicos, isso porque ele possuía, ou usava como performance, certas características que atraíam os fiéis e que faziam dele um “salvador da pátria” que iria, finalmente, livrar a nação das garras do Diabo e do esquerdismo. Com isso, muitas igrejas e lideranças se utilizaram da fé dos seus fiéis para conseguirem o máximo de votos possíveis e, assim, tornarem Bolsonaro presidente eleito naquele ano para lhes representar e garantir seus interesses. Terminamos o capítulo analisando como a ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro, ganhou forças e notoriedade a partir da campanha presidencial de 2022 para tentar reeleger seu marido e podendo ser, também, um bom nome para as eleições de 2026.

À guisa de conclusão, segundo o ISER, nas eleições de 2022, os evangélicos não atingiram a meta de 30% dos eleitos para a Câmara Federal, como desejavam. Por esse motivo, o presidente da FPE do Congresso Nacional naquele ano, deputado e pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Sóstenes Cavalcante (PL), declarou o seguinte: “A principal dedicação (da FPE) neste ano será traçar uma estratégia com os colegas para finalmente chegar ao tamanho que temos no país, 30%. Ainda nos falta fidelizar mais votos

do segmento”.⁸⁶ Em compensação, 28 pastores ganharam nas eleições de 2022, batendo o recorde desde 2014.⁸⁷

Esse exemplo nos mostra que os planos políticos dos evangélicos são de crescer ainda mais nos poderes legislativos e executivos. Não descansarão enquanto não estiverem sendo totalmente representados na política. Isso nos indica que a instrumentalização da fé dentro das igrejas e comunidades religiosas, que deveriam também ser instrumentos de consciência social e propulsoras da autonomia do fiel, mas que viraram uma estratégia de poder, continuará.

Lideranças evangélicas chegaram até a ordenar seus fiéis a votarem no presidencial Jair Bolsonaro usando justificativas bíblicas para validarem suas ameaças a quem não quisesse obedecer às orientações dadas. A partir disso, Bolsonaro usou e se apropriou de símbolos religiosos para também validar seus discursos e justificar o motivo de ele ser a melhor opção para o Brasil. A força desses símbolos religiosos também foram fortes aliados para Bolsonaro, mas não teríamos tempo para discutirmos todos eles aqui.

Podemos concluir então, diante de tudo o que foi exposto neste trabalho, que o cristianismo evangélico teve um papel importantíssimo no resultado das eleições de 2018 e continuará tendo nas próximas eleições, isso porque a religião e a política estarão entrelaçadas o tempo todo. No entanto, além do cristianismo, outras religiões também vêm ocupando, paulatinamente, lugares na nossa sociedade como um todo, o que é bom, pois, para uma sociedade laica e democrática, o ideal seria que todas as religiões pudessem ser representadas nos espaços políticos de uma maneira totalmente equilibrada e saudável. Porém, o perigo para a nossa democracia é quando uma determinada religião monopoliza esses espaços com discursos que beiram à teocracia.

86 UOL ELEIÇÕES. *Mais ideológica, bancada evangélica tem 20% da Câmara, mas não atinge meta.* Disponível em: <[https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/09/bancada-evangelica-camara-deputados.htm#:~:text=A%20atual%20bancada%20evang%C3%A9lica%20da,\(um%20ter%C3%A7o%20dos%20brasileiros\).](https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/09/bancada-evangelica-camara-deputados.htm#:~:text=A%20atual%20bancada%20evang%C3%A9lica%20da,(um%20ter%C3%A7o%20dos%20brasileiros).>)>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

87 O GLOBO. *Câmara e assembleias legislativas têm recorde de pastores evangélicos eleitos.* Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/camara-e-assembleias-legislativas-tem-recorde-de-pastores-evangelicos-eleitos.ghtml>>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais. **Horizonte, Belo Horizonte**, v. 9, n. 22, p.396-415, jul./set. 2011 - ISSN: 2175-5841.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/269658673_A_conversao_ao_pentecostalismo_em_comunidades_tradicionais_The_conversion_to_Pentecostalism_in_traditional_communities_-_DOI_105752P2175-58412011v9n22p396>. Acesso em: 17 ago. 2023.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). **Universidade Metodista de São Paulo**. Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Disponível em: <<https://haroldoxsilva.files.wordpress.com/2014/12/assembleia-de-deus-origem-implantac3a7c3a3o-e-militc3a2ncia-1911-1946-por-gedeon-freire-de-alencar-umesp-2000.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ALVES, Edvaldo Carvalho. Revisitando o conceito de secularização. **POLÍTICA & TRABALHO Revista de Ciências Sociais** n. 33 Outubro de 2010 - p. 169-186. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/9039>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ALVES, Rubem A. A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 9, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/169838>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: A presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). **São Bernardo do Campo**, março, 2007. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/425>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. **EDIÇÕES PAULINAS - SÃO PAULO** – 1985. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligiosos/pages/arquivos/BERGER%20P.%20Dossel%20Sagrado.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BITUN, Ricardo. Continuidade nas cissiparidades: Neopentecostalismo Brasileiro. **REVISTA LUSÓFONA DE CIÊNCIA DAS RELIGIÕES** – ANO XI, 2012 / n. 16/17 – 293-312. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2777>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. 1982. Disponível em: <https://www.academia.edu/36358901/BOURDIEU_Pierre_1982_Economia_das_Trocas_Linguisticas_1996>. Acesso em: 26 set. 2023.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. **Campinas**. 1996.

BURITY, Joanildo A. Cultura e identidade no campo religioso. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 9, outubro, 1997, 137-177. Disponível em: <<https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/nove/burity9.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma história de Acertos e Desacertos. **Revista de Estudos da Religião** setembro / 2008 / pp. 1-26. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo”- uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. **Texto preparado para o GT Religião e Sociedade**, XXVI ANPOCS, Caxambu, outubro de 2002. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/18293487-Os-politicos-de-cristo-uma-analise-do-comportamento-politico-de-protestantes-historicos-e-pentecostais-no-brasil-1.html>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Movimentos messiânico-milenaristas: modos de transformação do desespero em esperança. **Revista USP** • São Paulo • n. 108 • p. 129-139 • janeiro/fevereiro/março 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118247>>. Acesso em: 13 set. 2023.

CORTÊS, Mariana. A revolta dos bastardos: do Pentecostalismo ao Bolsonarismo. **Caderno C R H**, Salvador, v. 34, p. 1-24, e021025, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/MKjkPy6MSrhRpJrMJpgrdvn/>>. Acesso em: 07 set. 2023.

COSTA, Emerson Roberto da. Da relação entre religião e política: instrumentalização da dominação ou vislumbres da libertação. **Revista Caminhando** v. 20, n. 1, p. 89-99, jan./jun. 2015. Disponível em: Acesso em: 19 jul. 2023.

CUNHA, Christina Vital da. Religiões, sentimentos públicos e as eleições 2018. HEINRICH BOLL STIFTUNG. **Rio de Janeiro**. 27 de Agosto de 2018. Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2018/08/27/religioes-sentimentos-publicos-e-eleicoes-2018>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DAMASCENO, Maria Raimunda Valente de Oliveira. OLIVEIRA, Jane Cristina. OLIVEIRA, Joselina Souza de. SOUSA, Vânia Célia Ventura. Sincretismo, Protestantismo e Neopentecostalismo: O Cristianismo em seu enfoque nas populações tradicionais. **Revista Unitas**, v.7, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/907>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa. **São Paulo**: Martins Fontes, 2003.

DUTRA, Roberto. LELLIS, Nelson. Relações entre representação política e apoio religioso: um estudo de caso nas eleições de 2018. **SOCIOL. ANTROPOL.** | RIO DE JANEIRO, V.12.03: e200070, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/sant/a/JTPx5PHzbsy3sx9QqmSTynf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça. O voto dos evangélicos em Bolsonaro em 2018: identidade, valores e lideranças religiosas. 2022. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/49217/1/tese_matheus_ferreira.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FONSECA, Alexandre Brasil. Pluralismo religioso e relação religião-estado: uma análise da presença evangélica no legislativo federal. **XXVIII Encontro Anual da ANPOCS ST Republicanismo, religião e estado no Brasil contemporâneo**. Departamento e Pós-graduação em Ciências Sociais/UEL.

FONSECA, Alexandre Brasil. Foram os evangélicos que elegeram Bolsonaro? Novembro, 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/584446-foram-os-evangelicos-que-elegeram-bolsonaro>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

FRESTON, Paul. Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política. **Viçosa: Ultimato**, 2006. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/file/capitulos/Religiao-Politica-cap1.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. 1933. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/69813>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GARRIDO, Stella. Silas Malafaia: uma relação entre religião e política para além do sagrado, do segundo governo Dilma à ascensão de Bolsonaro. **Anais do 3º Encontro Internacional História & Parcerias**. 2021. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1635357742_ARQ_UIVO_5855d7bfdbeb4841a5cabb0095f7159b.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GUERREIRO, Clayton. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia COVID-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 41(2): 49-73, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/?format=html>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

JUNIOR, Bezaliel Alves Oliveira. NERIS, Wheriston Silva. Religião e Política: As estratégias de Inserção e Reinserção das Assembleias de Deus na Política Brasileira. (1986-2018). Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_348_3485cbe2147c9e6b.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2023.

LEITE, Willian Douglas Cerqueira. A dinâmica de crescimento das igrejas neopentecostais na perspectiva dos campos sociais de Pierre Bourdieu. **Centro Universitário Toledo Araçatuba** 2018. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/627282501/A-Dinamica-de->

[Crescimento-Das-Igrejas-Neopentecostais-Na-Perspectiva-Dos-Campos-Sociais-de-Pierre-Bourdeiu-William-Douglas-Cerqueira-Leite#](#)>. Acesso em: 30 mai. 2023.

LÉONARD, Émile-G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34900/37636>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

LOPES, Guilherme Esteves Galvão. A bancada evangélica e a eleição de Jair Bolsonaro (2018). **Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias**. 2019. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1570587219_ARQUIVO_db59c4ae8a5ed61ddf616676c228b578.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52)**, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/H6DCFyvKr6Yrxw7W6pWJcBz/>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MARIZ, Cecília Loreto. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. **Revista Argentina Sociodady y Religión**, março, 1995. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14222>>. Acesso em: 24 set. 2023.

MORAES, Gerson Leite de. Transpentecostalismo: Origens e aplicações de um conceito. **Religiones Latinoamericanas Nueva Época N. 6**, julio-diciembre 2020, pp. 11 - 28 , ISSN: 0188-4050. Disponível em: <http://www.religioneslatinoamericanas.com.mx/wp-content/uploads/2021/03/Textos_6-1-Gerson.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião** junho / 2010 / pp. 1-19 ISSN 1677-1222. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.htm>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOURA, Priscila Carla Santana e. A atuação da religião na política brasileira contemporânea: Uma análise dos projetos legislativos da bancada evangélica no Congresso Nacional. **Universidade Federal de Uberlândia**, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20244>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

NUNES, Rodrigo. Pequenos fascismos, grandes negócios: O bolsonarismo como empreendedorismo - e o que isso diz sobre a natureza da direita e do capitalismo hoje. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/pequenos-fascismos-grandes-negocios/>>. Outubro, 2021. Acesso em: 29 abr. 2023.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. Religião e participação política: considerações sobre um pequeno município brasileiro. **e-cadernos CES**, 13, 2011: 36-63. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/eces/568>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e os seus reflexos nos campos religioso e político brasileiro. **RBCS Vol. 18 n°. 53** outubro/2003. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/n7JKdMPyTKH7yBBFSgr6PhP/>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. **ILHA - Florianópolis**, vol. 3, a.1, novembro de 2001. p. 71-83. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14957>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PARAVIDINI, João Luiz Leitão. Gonçalves, Márcio Antônio. Neopentecostalismo: desamparo e condição masoquista. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. IX – Nº 4 – p. 1173-1202 – dez/2009. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n4/06.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos acessar aquele velho sentido. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 13 Nº37**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hx7T5JhLwkXvQn7MJZj5ySz/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 set. 2023.

PINTO, Céli Regina Jardim. Tempos de eleição: a política interrompe o cotidiano. **RBCS Vol. 14 no 40 junho/99**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/7PJ36bpMgXM3YpW5mBpC6wJ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 set. 2023.

RODRIGUES, Guilherme Alberto. FUKS, Mario. Grupos sociais e preferência política: o voto evangélico no Brasil. **RBCS Vol. 30 nº 87 fevereiro/2015**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LZS7D6cbZ39g4cwSFpFMy9M/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SANTOS, Maria Isabel Pia dos. Religiões afro-brasileiras no terreiro da política paraibana: uma análise histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais.

Universidade Federal da Paraíba. 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11735?locale=pt_BR>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SEMÁN, Pablo. A Igreja Universal do Reino de Deus: um ator e as suas costuras da sociedade brasileira contemporânea. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 2 n.3, setembro de 2001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/2709>>.

Acesso em: 28 jun. 2023.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. **Religião e política no Brasil | Latinoamérica**, Revista de Estudos Latinoamericanos. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-85742017000100223>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SILVA, Paulo Julião da. A igreja católica e as relações políticas com o Estado na Era Vargas. 2012. Disponível em: <<https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/456>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. Revisitando o Dossel Sagrado: considerações sobre a “imaginação sociológica da religião” de Peter Berger. **Caminhos**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 66-75, jan./abr. 2022. Disponível em: Acesso em: 28 mai. 2023.

SOUZA, Robson da Costa de. SILVA, Jefferson Evânio da. Conservadorismos, fundamentalismo protestante e democracia no Brasil: uma compreensão em chave pós-estruturalista. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 42(1): 37-60, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/pxz3DXFg6rc8sOnZvpwSmHJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

STIGAR, Robson. A concepção de religião para Max Weber: um olhar a partir da ciência da religião. **K ERYGM A, ENGENHEIRO COELHO**, SP, VOLUME 11, NÚMERO 2, P. 167-174, 2º SEMESTRE DE 2015. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/770>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SUNG, Jung Mo. Mercado religioso e mercado como religião. **Horizonte, Belo Horizonte**, v. 12, n. 34, p. 290-315, abr./jun. 2014 – ISSN 2175-5841. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n34p290>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

TORRES, Roberto. O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica. **Perspectivas**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 85-125, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/981/843>>. Acesso em: 24 set. 2023.